ELOGIO HISTORICO

DE

LUIZ DO REGO BARRETO

POR

G. X. S.

COIMBRA,

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

ANNO DE 1822, E 2.º DA REGENERAÇÃO.

Je ne sais ni tromper, ni feindre, ni mentir,
Et quand je le pourrois, je n'y puis consentir.

EXORDIO.

Que d'acçoens immortaes se murcha a gloria,
Se a não regão as filhas da Memoria.

DINIZ Od.

A Livre communicação dos pensamentos he um dos direitos mais preciosos do homem, e do Cidadão (1). He do liberto exercicio deste sacrosanto direito, que descende a ventura dos Homens e das Nações. Simillhante ao astro do dia, assim como este anima a Natureza, e a poem em movimento, assim a liberdade do pensamento humano anima o Mundo Espiritual. He debaixo da influencia dos seus raios, que se formão as ricas minas dos Conhecimentos Scientificos, que as gerações devem transmittir ás gerações futuras sempre com maior volume; he debaixo da mesma influencia, que a liberdade civil do Cidadão he protegida, os Povos são esclarecidos, a Opinião Pública he firmada, illustrada e dirigida; os Crimes punidos, as Virtudes premiadas, e alfim o Mundo

Moral he approximado ao estado d'equilibrio e igualdade, que deve formar a sua *grande baze* (2).

Com tudo esta liberdade tem termos, onde restrictamente deve circular: assim como o luminar do dia não póde passar além dos tropicos, e obediente regressa, depois de ter corrido a rota marcada pela poderosa mão da Natureza, assim a liberdade do pensamento não deve transcender os marcos postos pela Razão, pelo interesse Social, e pelo bem da Humanidade. Esta transcendencia produz uma desorganização tão fatal ao Mundo Moral, como as grandes tormentas e tremores de terra á Natureza Physica. Todo o Cidadão tem pois o sagrado dever de se oppor a estas resoluções moraes, e destruir os males, que brotão da liberdade do pensamento com a liberdade do mesmo pensamento. Eis o bem precioso do celeste donativo da Imprensa livre. Ella he pois justamente comparada á lança d'Achilles.

Animado por estes principios eu tenho resoluto formar o esboço das virtudes e feitos de um homem, que tem direito ao reconhecimento da nossa Patria, pois que elle a vingou dos seus inimigos. Homens injustos, e arrastrados pelo espirito de uma facção tem ousado eclipsar o brilho da sua gloriosa carreira; porém a virtude perseguida mais rebrilha. O meu fim he esmagar a calumnia, dragão d'atro veneno. He pois uma appellação, que faço para a Posteridade. Eu a faço com os olhos fitos no prol da minha Patria, e dos

meus similhantes: serei ingenuo na minha narração? Serei puro nas minhas intenções? Que a Justiça me julgue. Eis o voto pronunciado por um homem livre.

A voz da Historia he immortal. Companheira de todos os tempos e lugares, tocha luminosa da verdade, mestra da vida, ella não perdoa os crimes, nem deixa quedar no esquecimento as virtudes do homem philantropico (3). A penna nervosa de um Tacito lá nos dias, em que tinha dado o ultimo suspiro a liberdade Romana, traçava no mais recatado silencio o pavoroso quadro de muitos tyrannos de Roma. Eis a voz da Historia vingando a misera humanidade: os nomes desses monstros, bastardos da especie humana, correm malditos de bôcca em bôcca por uma e outra geração; pelo contrario as virtudes de um Tito, de um Marco Aurelio, e outros mimosos da Natureza, que forão as flores da humanidade são docemente recordadas, e o amador do Bem em todas as idades e Nações, ha de pagar constantemente um virtuoso foro a estes bemfeitores do Homem seu Irmão: assim o Nome de *Luiz do Rego Barreto* (4) será sempre querido, amado e venerado pela Posteridade.

Os brilhantes serviços deste Cidadão na guerra Peninsular, guerra memoravel, e que fará uma das mais luzidas épochas na Historia do genero humano, estão escriptos pela mão do Renome no Livro glorioso da Immortalidade (5). Ainda a força dos Exercitos Gallos roxeava com laços de

ferro os pulsos Lusitanos, quando *Luiz do Rego* alçou a voz da Liberdade na Capital Militar da Provincia do Minho (6). Esta voz circula com a velocidade do raio por toda a Provincia; todos gritão: *Queremos ser livres:* e a Liberdade, esta filha mimosa do Ceo, que tinha fugido espavorida diante do ferro inimigo, regressou para o Solo Lusitano ao brado do novo Viriato.

Rego não repousa um só momento. Com a Patria no coração, sedento de a vingar vôa á Cidade de Viseu, e lá vai organizar aquelle Batalhão Immortal, que foi o terror da Gallia oppressora, o vingador da Patria opprimida: quanta gloria não reflecte para *Luiz do Rego* da creação deste corpo! Que somma de obstaculos não se monta para atermar esta empreza! Com tudo o Genio, esporeado pelo amor da gloria, transpoem todos os limites, arrosta todos os trabalhos por mais improbos que sejão, e remata com fortuna o mais alcantilado e escabroso projecto: assim o General *Rego* por entre perigos e fadigas termina a organização de um Corpo, que depois conduziu ao campo da batalha a colher os louros da victoria.

Mas que outros serviços transcendentes não faz *Rego* á humanidade e á sua Patria nesta epocha desastrosa? Triste recordação para o homem sensivel! He nestes tempos borrascosos, que do fermento das paixões humanas se desentranha o furioso monstro d'anarchia. Debuxar os males, que

vomita aquelle dragão, sobrepassa em verdade toda a força da lingoagem dos homens; nenhum pincel, ainda que manejado por um Tacito, por um Sallustio, e outros Genios na arte descriptiva, he capaz de afigurar o quadro de tantos horrores: com uma sanha, que sobrepassa os tigres, elle devora a paz, a ordem e a segurança social. O Imperio das Leis baquêa por terra, quando brama aquella furia do Inferno: com tudo *Rego*, qual outro Hercules, alimpa o Solo Portuguez desse monstro, que o tem conspurcado; calca debaixo dos pés sua venenosa cabeça, o monstro geme e expira, e então o astro da paz desponta as suas luzes, e abrilhanta o nosso horizonte Politico: a Ordem, fructo saboroso das Leis, reverte com as mais virtudes sociaes, e a santa e maravilhosa união finalmente liga com annel precioso todos os Portuguezes. Os Portuguezes em fim depois de arrojarem para além da Peninsula os novos Vandalos, vão mostrar-lhes no seu paiz natural quanto he terrivel o ferro manejado pelo brio marcial, que he sua herança, e o seu patrimonio avoengo.

Mal tinha acabado de organizar esse Batalhão terrivel, quando o trovão da guerra resôa por toda a Peninsula. *Rego* corre impetuoso. Qual corisco vingador cáe sobre os Francezes. Então se reproduzem as scenas de Gloria, que derão a immortalidade aos Gamas e Albuquerques. Qual o Conquistador de Ormuz, elle paga em balas o tributo, que requeria o Sophí da Persia (7). Descrever agora os

lustrosos feitos, que no Templo da Fama o collocárão a par dos Wellingtons, e outros Genios da guerra, he de certo uma tarefa, que não podemos desempenhar com a dignidade, que merece o homem, de cuja Biographia curamos: para se louvar um Heroe he mister, que o espirito do Orador se ponha ao nivel do homem, que se pretende elogiar: assim os Condés, os Turennes, e os Marechaes de Saxe sómente podem ser gabados com dignidade por Flechier, Bossuet e Mr. Thomaz; com tudo não podendo ter a gloria de ser Orador, eu contarei os factos com verdade e simplicidade. Esta simplicidade fará pois o maior elogio do General, e do Homem virtuoso.

PARTE I.ª

Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.

CAMÕES, Cant. 5, Est. 92.

(8) HE nos feitos de Combadão e Santo Antonio do Cantaro, que desponta a Gloria Marcial de *Luiz do Rego Barreto.*

(9) Nessa brilhante acção do Bussaco, que será grande em todos os tempos, nessa memoranda batalha, onde os filhos dos Castros e dos Pachecos mostrárão ao mundo espantado, que não tinhão bastardeado dos bravos Consquistadores de Goa, Calicut, de Ormuz, e desses tantos, que tinhão fundado o vasto Imperio do Oriente: nessa batalha pois *Luiz do Rego* ganha o appellido de *Bravo*, e mais um Heroe se annuncia na lista dos Heroes.

(10) Quando o Anjo da Victoria perdeu esse nome, com que Bonaparte o appresentava ás Nações amedrentadas, quando cortado pelo susto, desertou das linhas formidaveis, que salvárão Lisboa, então *Luiz do Rego* investe o exercito inimigo no Pombal e na Redinha; aqui um bote terrivel de ferro sangra os Francezes de fórma, que uns cáem prisioneiros, e outros vão beber a morte nas agoas do rio proximo; aqui mesmo verteu a vida esse Official, que tinha recebido o sanguinario decreto de incendiar o povo; *Rego* tolhe pois o plano carniceiro desse novo Nero, e tendo a gloria de salvar a Redinha das sevas lavaredas, que mandava assoprar o mais furioso dos monstros, teve outra não menos brilhante de

formar a passagem da ponte para o exercito Anglo-Portuguez. Repetidas victorias não canção o General *Rego*. A Patria, a doce Patria constantemente o chama, e sensivel ao amor da gloria, voa infatigavel a curar-lhe as feridas, que abriu a mais perfida, e a mais cruel das traições, forjada pelo maior dos tyrannos. As acções de Miranda do Corvo, Foz d'Arouce, sitio, e escalada de Ciudad-Rodrigo lhe dão novos titulos para ser immortal.

(11) Mas agora que espectaculo grande se offerece á minha vista! Que valor guerreiro não desenvolve *Rego* no assedio de Badajoz! Aqui Philipon disparava corajento os raios de Bellona, dessa Deosa carniceira, cujo bojo he sempre sedento do sangue dos homens: as operações de Wellington são entorpecidas pela bravura dos sitiados, que esperão anciosamente por soccorros, conduzidos pelo mais arteiro dos Generaes Francezes, o Duque de Dalmacia: *Rego* mal soffrido de medidas tão espaçadas, revolve na mente os arbitrios mais azados para conquistar a Praça; peza todos os perigos, esmaga todas as difficuldades, e resolve escalar Badajoz com o Regimento N.° 15: *O Soldado meu amigo, e amigo da gloria, siga-me,* exclama elle. O Patriotismo, qual chamma electrica, he accendido em todos os corações: todos seguem o General, porque todos são Portuguezes; a Praça he montada, *Rego* destemido marcha contra os Francezes, que defendião a brecha: o susto e o terror enregelão a coragem de Philipon, a razão perde o seu equilibrio, a consternação se apodera dos sitiados, largão as armas, e *Rego* he vencedor. Quem póde resistir ao valor Portuguez, que poem na gloria o fito? *Quem póde resistir a Portuguezes?* grita Philipon. *Homens, que menos-prezão as vidas por um fanatismo do renome, são invenciveis!*

(12) Na batalha dos Arapiles, que Marmont tinha desenhado com profundo saber, e na qual esperava colher os fructos da victoria; nessa batalha pois o Regimento N.° 15, commandado pelo bravo *Rego*, investe, sangra e derrota com a força das baionetas essa formidavel columna do exercito inimigo, que tinha repulsado os Regimentos 11 e 13.

Wellington, admirando tão nobre e glorioso feito, escreve o nome de *Luiz do Rego* por extenso.

(13) Mimoseado sempre pelo Deos dos combates, este lhe cinge novos louros triunfadores na celebrada batalha de Victoria. Aqui o Bastão de Marechal e a gloria do Imperio Francez cairão das tremulas mãos do General Jourdan. « As batalhas, diz Mr. Thomaz, são bem similhantes aos tremores de terra. Ellas dão sempre grandes abalos aos Estados, e mais o seu choque he violento, mais o tremor se alarga pela circumferencia das Nações. » Foi pois em Victoria, que a guerra da Peninsula fez a sua crise contra os novos Godos porfiosos em querer algemar os filhos d'Ataulfo. O intruso José Bonaparte foi arrojado para além dos montes de Pyrene; o paiz classico da liberdade he depurado dos monstros, que o tinhão inficionado com a sua maligna influencia, e por fim o sceptro dos netos de Filippe 5.° he novamente firmado nesta recente Almanza, onde Wellington rivaliza com Vendome no Templo da Immortalidade.

Mas ai! (14) Outro quadro de mais negras côres agora se m'antolha! O mais furioso combate aqui dilacera a triste humanidade. Essa arte façanhoza de matar as gentes esgota nelle os thesouros do seu saber: de instrumentos mortiferos chove uma saraiva de males; balas sibilantes povoão os ares, e roubando o lume do astro do dia, o trocão n'uma noite tenebrosa; cardumes de corpos humanos são devorados pelas guelas da morte; fervem os gemidos, que sáem dos palpitantes peitos; o animo mais ousado aqui desfalece, porém o impavido *Rego* mostra neste combate a alma do Heroe da Suecia, do Marechal de Saxe, e d'outros homens extraordinarios, que a Providencia manda de longos a longos intervallos, para mudar o destino do Mundo; sim, o sagrado dever de vingar a sua Patria o alenta neste combate terrivel, e sobre a humanidade do seu coração triunfa a celeste virtude do Patriotismo; virtude preciosa, sobre que descança a gloria e a liberdade das Nações.

Eu queria bosquejar o tremendo assedio de S. Sebastião de Biscaya, onde o General Rey não poupava traça militar,

para defender a Praça: todavia a coragem de *Rego* he estimulada pela enormidade dos perigos: « quando uma rajada de furia desabalada açouta os mastros e as antennas de um vaso, e então a nautica celeuma se alevanta aos ares, os Ceos se rasgão, o mar se abre, se encapella, se amontôa; bate a bombordo e a estibordo a um tempo o casco, os grossos rolos d'agua, que sobre a coberta se abalrôão e despedação, submergem por fim e engolem o bôjo: » eis como *Luiz do Rego* esmaga todas as difficuldades, oppostas pela bravura de um inimigo encanecido na arte da guerra: *Rego* monta a Praça por entre enxames de balas e metralha, que os sitiados mandavão incessantemente: leva nas mãos uma bandeira, qual o vencedor na ponte d'Arcole, falla aos Soldados a linguagem da honra e da gloria: sua alma se multiplica, e he repartida por todos os sitiadores; o facho do Heroismo se accende, e todos os Soldados se transformão em Leões da Numidia; a Praça em fim rende-se, e o velho Commandante, cheio de um santo respeito, bota por terra as armas, e se entrega prisioneiro com a brava guarnição, que a defendia. Milagre do valor Portuguez! O Principe de Waterloo admira tão galante feito, e assim o gaba na ordem do dia. A Praça e os Francezes são entregues a *Luiz do Rego*, e este derrama sobre elles toda a casta de beneficios. Sacrosantos principios da Natureza, vós tendes um sacrario precioso no coração do General *Rego!* Elle sabe que o homem desventurado tem direitos muito sagrados sobre a alma do homem grande; elle conhece, que as relações philantropicas tem começo naquelle mesmo ponto, em que dão fim as relações da guerra. O General Rey e todos os Soldados prisioneiros recebêrão o fructo destes principios sacrosantos, que o Auctor do Universo gravou na lamina do coração de *Rego*, e elles não cessavão de dar gabos áquelle homem sensivel, que sabía unir magicamente as virtudes da guerra com as virtudes pacificas e bondosas do estado social.

Rego vôa de victoria em victoria. Encarregado do Commando da terceira Brigada, passa o Bidassoa, occupa a Villa

d'Andaya, e na batalha de S. Pyé fica em suas mãos o pavilhão de S. João da Luz. O seu nome brilhará na posteridade a par das acções de nove, dez e onze de Dezembro de mil oitocentos e treze, que o fizerão digno dos termos mais honorificos, com que Sir John Hoppe o recommenda á Immortalidade. O Principe de Waterloo paga tambem o foro do seu reconhecimento e da sua admiração a feitos tão brilhantes, e repete justiçoso as mesmas expressões do General Hoppe. Beresford outra vez o reconhece valoroso, e com esta nobre expressão o apologia na Ordem do dia.

Guardarei um profundo silencio sobre os recontros e escaramuças de Rio-maior, Aldêa da Ponte, sitio d'Almeida, Tordessilhas de la Orden, Carrion, Tamames, Orina, assedio de Bayonna, e outras muitas, que a voz da Historia ha de apregoar nas eras mais remotas, para que a sua memoria sirva de estimulo aos guerreiros, e de luzeiro ao povo Portuguez. Outros muitos feitos podiamos contar d'espaço, porém nossa escriptura sería mui volumosa, e este bosquejo biographico transcenderia os terminos, que lhe temos dado; por isso comprimindo os vôos da nossa penna, escreveremos alfim, que *Luiz do Rego* reune todas as virtudes, que devem ornamentar o perfeito General. Quem dos seus contrarios póde em boa *fé* litigar-lhe aquella bravura, com que entrava nos combates, e aquella coragem, com que nelles porfiava e repulsava os furores do inimigo mais assanhado? Qual delles póde pleitear aquelle enthusiasmo e fogo marcial, com que accommettia as emprezas mais alterosas, e com que em fim alhanava as difficuldades mais escabrosas? Qual lhe póde disputar aquella firmeza de caracter, que nenhum impecilho afrouxava, nenhum perigo amedrentava, e nenhuma resistencia era capaz d'acobardar? Qual delles finalmente póde questionar aquella actividade e vigilancia, com que acudia a todos os pontos, onde ardia o fogo dos combates? Aquella penetração, com que n'um golpe de vista prendia os futuros mais remotos, e prevendo todos os perigos, que podião recrescer, sabía prevenil-os, e destruir e acautelar os desares infestos á Victoria? Parecido a uma Aguia, cuja vista

penetrante n'um só momento descobre um vasto e immenso terreno, assim o seu Genio subia altaneiro, e descortinando subitamente a longa cadêa dos successos, com olho mais que humano rompia as densas trevas do que ha de vir.

Oh Posteridade! Eu não minto. Os do tempo d'agora que sejão os meus Juizes! Elles vírão e ouvírão os factos, de que transmitto a memoria. A Justiça he a base de toda a Moral, e deve ser o primeiro sentimento do homem probo, e cosmopolita. Que me julguem no respeitavel Tribunal da Opinião Pública, que os meus accusadores me affrontem! A verdade simples, e simplesmente pronunciada, será o meu unico escudo, e fará a minha defensão: sim, eu repito a voz descarnada do Soldado companheiro nos perigos e trabalhos marciaes, que firmado na pericia do Chefe, cantava presago o hymno das Victorias: eu recito a voz dos Generaes, seus companheiros d'armas, que insensiveis a esse carrasco do espirito humano, a essa definhada e macilenta inveja, não cessavão de dar gabos ao Illustre *Luiz do Rego* (15): desses Principes virtuosos, que o honrárão com a sua amisade, com os seus elogios e seus beneficios: desses Reis, que nas Cartas mais lisongeiras, e nos termos mais energicos lhe testemunhárão a alta estima, com que apreciárão os venerandos feitos, que o collocárão no augusto alcaçar do Renome: e recitando a voz do meu seculo, poderei ser taxado, como Orador mercenario? Ai do Escriptor, que trafega com a sua alma! Não, eu não degrado a minha razão, nem mercadejo a sagrada propriedade dos meus pensamentos, para trahir a Divina Causa da Verdade. Eu a tenho advogado e proposto com simplicidade; ella não carece de atavios, nem de enfeites Rhetoricos. Com a mesma linguagem franca e singela vou mostrar o Varão justo, o Amigo dos Homens, o agricultor das Virtudes Sociaes. Povos do mundo, escutai-me! O elogio da virtude he o mais bello triunfo da razão humana!

PARTE II.ª

Emmudecei, Profanos; afastai-vos:
Ministro do Deos summo,
Que os Ceos, que as terras c'um acêno rege;
Direi cousas mais altas,
Que descrida não pensa a Iniquidade,
Mas que da san Virtude forão dignas.

Francisco Manoel, Ode á Virtude.

FEliz o Orador, que tem a pronunciar o elogio da virtude! Em verdade elle he o Amigo dos Homens, e o interprete da Natureza. Que objecto mais transcendente e mais connexo com a ventura dos homens e das Nações? Sim, o virtuoso he Cidadão de todos os Povos, e attenta para o Genero Humano, como para uma grande e numerosa familia, presidida por um só e unico chefe. Embora os homens sejão moradores em qualquer dos pontos do globo; embora professem elles diversas Religiões; filhós todos da Natureza, esta, como Mâi, os prende com uma cadêa de ouro, que pende das suas divinas e bemfazejas mãos. Qual será pois esta cadêa, que prendendo os homens entre si, os liga com a Divindade? Qual será pois este centro commum, onde toda a Confraria da Humanidade se une e se confunde? He a sublime Virtude. Oh divina expressão! Quantas vezes o raivoso fanatismo tem maculado a tua pureza! Quantas outras a bruta superstição tem deturpado o teu brilhantismo! Filha do Ceo, que de lá desceste para bemaventurar os humanos, que milhares de vezes os teus inimigos com o teu puro e doce

nome n'uma bôcca monstruosa tem espalhado sobre a terra o sangue dos teus amadores! Oh! quantas vezes um punhal parricida, manejado por um Ravaillac, por um Clemente, e por outros monstros, vomitados pelo Inferno, se tem enterrado naquelle peito, onde tu tinhas o teu sacrario! Assim terminou seus dias o melhor dos Reis (16). Misera condição da humana gente! Em todos os tempos os tyrannos de uma e outra casta tem feito desgraçada a grei do genero humano! Corramos porém um véo sobre taes delirios, e pranteando a miseria de uns, e a maldade dos outros, curemos do aperfeiçoamento da nossa razão, da pureza dos nossos costumes, e destes mananciaes crystallinos brotará sempre a felicidade de toda a humanidade.

Sim, Cidadãos, o panegyrico do homem virtuoso he uma importante lição, que damos a bem dos nossos irmãos: he pois um direito, ou antes um dever sacrosanto, que nos impoem as relações da Natureza e do estado social, e desempenhando um dever tão augusto, e digno de tanto respeito, nós tributamos á Virtude o foro da nossa admiração, do nosso amor, e do nosso reconhecimento. Oh Virtude! Eu te invoco de todo o meu coração: oxalá que minhas expressões arranquem por teu respeito uma só lagrima, e um só suspiro. Este minguado tributo fará a minha consolação, e a vossa gloria.

« Guerreiros existem, diz Mr. Thomaz, cujos elogios são findos, quando he atermada a narração dos seus combates. » Estes homens pódem imprensar nos seus similhantes o susto, o terror, e mesmo o pasmo e admiração da sua coragem, bravura, e mais virtudes guerreiras; porém a estima, e áquelle amor, que se aninha no coração humano, estes foros sagrados são unicamente tributados á Celeste Virtude Bemfeitora dos Humanos; mas qual he o caracter, e qual a essencia desta filha da Divindade? Eu deixo litigar entre si os Filosofos e Theologos sobre esta ruidosa questão; despido desses titulos pomposos, e apenas um pensador humilde, eu sigo a voz da Natureza, que falla no meu coração. Sim, humanos, eu o repito, e oxalá que minha voz fosse de

bronze para resoār em todos os cantos da terra, a marca da Virtude, e o seu caracter originario he a Santa Beneficencia (17). He neste sublimado e divino centro, que vem reunir-se todas as linhas, que formão o circulo da Moral da Natureza e da Religião. Em verdade as ideas de Virtude e bemfazer são tão amigas e tão connexas, que a divisão importa o mesmo, que a destruição. Examinai, Humanos, o Celeste e Divino Livro, onde se achão estampados os preceitos da Moral mais apurada; dessa Moral, que Deos requer dos homens. Oh! como nelle tanto fulgúra o grande preceito d'amar os mesmos homens! Como nelle brilhão os mandamentos beneficos, bondosos e filantropicos! A Lei do Christianismo he a Lei do amor, da ternura, em fim da fraternidade. Todos iguaes, todos filhos diante do Ser Supremo! He a tão sublime doutrina, exclama Fox, que se deve o acabamento da escravidão pessoal na Europa. Foi esta transcendente doutrina, gravada pela mão da Narureza no coração do homem, que fez desapparecer a palavra *escravo*. Este só e unico principio fez mais, do que todos os systemas dos antigos Filosofos, que não obstante luzirem nelles principios mui fecundos e liberaes sobre os direitos do homem, principios tão perfeitos, como aquelles, que são proclamados nas nossas theorias modernas, todavia vivião mui satisfeitos naquelles paizes, onde o direito da escravatura era como sagrado e respeitado. Quem por tanto reconciliou o homem com o seu similhante; quem fez reviver esses caracteres divinos, que attestavão a igualdade e a liberdade do mesmo homem, que os erros e os prejuizos, a ferocidade dos Conquistadores, e o barbaro e deshumano systema do feudalismo tinhão apagado por muitos seculos? Foi a doce Religião de Christo, Religião vinda do Ceo para aditar os Humanos nesta vida, que ligeira passa, e dirigil-os para uma Immortalidade, onde a Virtude recebe o seu galardão, e o Crime o seu tormento. Divino enlace, exclama Montesquieu, que faz a base de uma Religião augusta e verdadeira!

Marcado assim o caracter da Virtude, e fixado pelas ideas da Razão, da Natureza e da Religião, qual homem

mais virtuoso, que *Luiz do Rego Barreto?* Observação verdadeira: o homem sensivel existe sempre a par do homem grande. Esta sensibilidade, diz Helvecio, he o primeiro dos donativos do Ceo, e o mais nobre ornamento da Especie Humana. Que terna e affectuosa sensibilidade não tem constantemente mostrado o virtuoso *Rego* para esses infelizes, victimas da desgraça, que debulhados em pranto supplicão ardentemente a sua efficaz beneficencia? Lagrimas de ternura nestes lances caridosos brotão subitamente dos seus olhos, e aquelle homem, que nos combates tem os furores d'Achilles, he sempre pontual em pagar á Natureza o seu precioso tributo.

E devem por ventura ser atadas com laços de bronze estas mãos, sempre promptas na sementeira dos beneficios? *Rego* he por ventura esse Nero, ou esse tigre, que por bem da Humanidade he mister agrilhoar no tempo da paz, e desprendel-o sómente, quando o inimigo bate ás portas da nossa Patria? Acaso a Lei do Ostracismo, Lei vergonhosa nos Fastos Athenienses, deve tambem manchar os Fastos da Historia Lusitana? Oh! Deos não permitta, que no nosso tempo vejamos um novo Pacheco (18), martyrizado pela mais atroz calumnia! As cinzas desse malfadado e virtuoso Portuguez sempre clamarãõ vingança, e por mais que os seculos corrão, a tremenda voz da Historia ha de pedir contas aos infames perseguidores desse respeitavel homem, que depois de ter pesado as perolas do Oriente, mendigou esmólas para escudar a sua existencia, minada pela miseria.

Quereis ver, detractores, a filantropia de *Rego?* Vinde comigo, espreitai a sua conducta, quando a voz da justiça o collocou no vidrento emprego de Capitão General e Governador da Provincia de Pernambuco (19): então que numero, e abundante numero de homens desventurados não forão demandar abrigo, favor e tutoria nesse homem grande e verdadeiro Amigo da Natureza? Muitos deixando os lares, a doce patria, os caros filhos em tanto amor gerados e nascidos, e em fim a virtuosa consorte, com o olho fito nas Virtudes bemfazejas do General, se entregárão aos mares,

pesando afoutos a sua furia, e forão supplicantes demandar a sua protecção contra a tempestade dos males, que os mergulhava (20).

Seres miseraveis e desditosos, quem vos arrastrou ao mundo de Colomb por entre serros de perigos e de trabalhos? Não foi a Fama, pregoeira das Virtudes bondosas de *Luiz do Rego?* E forão por ventura malfadados os vossos designios? Forão estroncadas na flor as vossas esperanças? Não enxugou elle o vosso pranto, arrancado por agonias mortaes? Não achastes no coração daquelle homem um celleiro precioso de sentimentos filantropicos, que a providente Natureza ahi depositou para consolação dos tristes? Sim, desgraçados, essa terrivel necessidade, que apertava com unhas de ferro a vossa existencia, não foi assignalada pela mão do homem valoroso, forte, pio e bemfeitor? Infelizes, que elle amparou contra os golpes da desgraça, esmagai a torpe voz da inveja, que porfia negrejar o vosso amigo e o vosso defensor; alçai o brado da gratidão contra a grita da iniquidade, que pretende sacrilegamente martyrizar o Varão justo, como Aristides, o bemfazejo, como Marco Aurelio, o vingador da sua patria, como Leonidas, Epaminondas Thebano, e outros, que forão raios furibundos contra os crimes e a tyrannia. Oh! nem sempre sejamos ingratos, nem sempre injustos contra os homens honradores da nossa especie, e do nosso tempo. A gratidão descende dos Ceos. Sêde pois gratos, e proclamai ao Genero Humano, que o General *Rego* he um novo Tito, e que elle adora a santa maxima deste homem, que levou ao throno a Filosofia, e que julgava perdido o dia, que não illustrava com algum beneficio.

E que diremos daquella justiça, com que apologiava, recommendava e galardoava o merito? Na exposição das suas victorias todos erão recordados, e elle sómente se esquecia de si proprio. Tal era a modestia do nosso Turenne! Jámais a inveja, essa pestifera exhalação de um coração gangrenado, maculou o seu espirito. *Rego* não desfitava o olho do menor dos seus Soldados, quando o seu comportamento lhe dava direito ao renome; em quanto outros, minados pela roedora

emulação, furtavão ao merito os gabos, que a justiça reclama. *Rego* pelo contrario, sempre franco e generoso, pagou prompto á Virtude o respeitoso tributo da sua homenagem.

E tu, Celeste Virtude, paixão sublime, tu, santa amizade, perante quem os males do mundo ou fogem espavoridos, ou perdem muito da sua gravidade, e os bens pelo contrario se tornão mais fecundos, e mais brilhantes debaixo da tua influencia; tu, cujo nome encerra todas as delicias humanas, tu pois, augusta Virtude, que mimosa estada não tens no cofre sentimental de *Luiz do Rego!* Que religioso amor elle te não consagra! Sim, *Rego* te adora, e esta adoração tem feito a ventura de muitos Humanos. Ou na fortuna, ou na desgraça jámais deixou de ser um amigo terno, energico e extremoso.

Quando os seus meritos e os seus importantes serviços o alçárão ás grandes dignidades, elle via do fastigio da ventura tanto o poderoso, como o pequeno amigo. Uma triste experiencia nos diz, que a fortuna passarinheira envenena quasi sempre o coração dos homens; porém o General zombou constantemente dos seus caprichos boliçosos, e o homem moral tem sido invariavel nas varias e contrarias epochas da sua existencia.

E deverei fechar este quadro, sem lhe botar as brilhantes côres da excelsa e sublime Virtude da Liberalidade, que tanto orna o General *Luiz do Rego?* O rico liberal não he simplesmente um homem; he a mesma Providencia, que sensivelmente se mostra para afortunar os humanos; se o avaro merece a execração da Natura; se esse homem, que tem ferro dentro de um coração infernal, profana a mais bella instituição da Sociedade Civil, e quebranta os sacrosantos principios da Moral Universal; pelo contrario o homem liberal tem as benção do Ceo e do Genero Humano. Eis as bençãos, que recebe o General *Luiz do Rego.*

Homem sensivel, caridoso, liberal, amigo extremoso, *Rego* he tambem um marido o mais amante, e um pai o mais affectivo, e sempre desvelado pela fortuna de seus filhos. Tal he o verdadeiro retrato deste homem virtuoso, que de-

pois de vingar a nossa Patria escravizada, não cessa de felicitar os homens seus irmãos com as suas virtudes sociaes e filantropicas. Mas ai! que triste observação enluta agora meus pensamentos! Que negras côres vão a assombrar aquelle risonho quadro! Homens malignos perseguem assanhadamente o General *Luiz do Rego*, e pretendem marear a sua gloria militar, e as suas virtudes moraes. Triste observação! Que a inveja, essa vibora, que tem seu ninho em corações podres e corruptos, essa maldita filha de um espirito tacanho e maligno, não se farte jámais de morder nos homens grandes! Inimiga eterna e irreconciliavel de tudo aquillo, que he grande, superior, exclama Mr. Thomaz, apenas descobre o genio, o talento e a virtude, ella alardêa, convoca e reune todas as suas forças, e vai combatel-os! Que vil e cruel molestia he esta (prosegue o Orador), que tem feito murchar as flores do Genero Humano em todos os tempos e lugares? Que! sempre o sêcco sopro da pestifera inveja ha de fanar os mimosos gomos do merito? Sempre esse carniceiro do espirito humano ha de talhar a santa virtude? Mas ai! não he sómente esse monstro, que vomita rabidos furores contra o General. E deverei dizel-o? Sim, a verdade he o idolo do Filosofo e do Orador. Uma facção poderosa o persegue, e porfia desluzir a gloria dos seus feitos e da sua brilhante conducta Moral e Politica: uma cabilda de inimigos « obscuros e manifestamente perversos » são os artistas dessa infame e execranda têa: são estes os fabricantes de imposturas, de vagas e falsas imputações, com que forcejão atassalhar o merito e os serviços do General *Rego*. Mandado pelo Governo para fechar o volcão Republicano, que abalou esse paiz, onde os Vieiras, e outros Heroes espantárão o mundo com prodigios de valor, de coragem e fidelidade, o General não póde deixar de ser odiado e perseguido pelos restos dessa mesma facção, que elle esmigalhou e destruio. Porém imponhamos silencio ás paixões, deixemos caír as suas impuras fezes, e vejamos o homem puramente julgado no Tribunal da Razão.

Quantos crimes não conglobão elles, para deturpar o

nome, e a boa opinião de *Rego* innocente! Vomitai, cobardes, vomitai todo o fel de vossos corações; que crimes tem o General *Luiz do Rego?* Assoalhai os factos, as provas accusadoras, e perante a Humanidade pleiteemos esta questão.

Vós o pintaes como carrasco dos Soldados, que commandava. Insensatos, infames, mentís impudentemente; eu appello para o voto desses mesmos Soldados; que elles testemunhem sobre esta perfida accusação. Qual chefe mais humano e mais sensivel para elles? Que outro mais querido, e mais amado por elles? Uma só palavra, pronunciada pelo General, accendia o enthusiasmo de todos, e todos contentes vertião as vidas á sua voz. Que magico he este, que martyrizando os homens, estes morrem por elle? He carrasco, e captiva assim os corações humanos? Ou as Leis moraes forão alteradas, ou o General *Rego* faz portentosos prodigios.

Homens malignos, produzi factos, e mais não abocanheis o merito com vagas imputações. Onde existe a resenha dessas victimas, que elle immolou ao furor guerreiro? He este o modo legal de combater as virtudes de um Cidadão, e de um funccionario publico? Accusações desta cathegoria podem abalar os direitos sagrados, que o homem recebe da Natureza, e que lhe são afiançados pela Lei Social?

Prosegui, malvados: vós o taxaes de ser inimigo do Systema Constitucional. Miserandos! Mentir será sempre um crime; mas mentir com tanto despejo, he um delicto terrivel, que bota por terra todo o systema da Moral. Todos aquelles, que conhecem os pensamentos do General, sabem que o Liberalismo he o cunho das suas operações Politicas. Qual homem amador da Razão póde ser inimigo do Systema Constitucional? Qual dotado de um espirito franco, generoso, livre e caritativo, como *Luiz do Rego*, póde odiar um Systema, que tem por base aquellas mesmas virtudes? Denunciar um homem, como inimigo do Systema Constitucional, he imputar-lhe o crime horroroso de Lesa Humanidade. Certamente só monstros podem advogar a causa do Despotismo. Examinai essa mais bella producção da sabedoria humana, a

Constituição, essa filha querida da Divindade, a quem Plutarcho chama com propriedade o Sol das Nações. Oh! como deste manancial fecundo brotão todas as ditas do Genero Humano! Ella encadêa o furioso monstro da tyrannia, que por tantos seculos empolgou as unhas nas entranhas da misera Humanidade; « ella sopêa esse Fanatismo ardente, que levantando fogueiras na Asia e na Europa, crestou com sevas lavaredas as azas do Genio Livre; dessa ignorancia, que tomando nas mãos as chaves do Imperio Lusitano, cobriu de cegueira os olhos veladores do Governo, e aqui fez perder as Molucas, além Ormuz, Barem, Bornéo, Samatra, e alfim fez caír das suas inertes mãos o Tridente Oriental, que recebeu esse valente aventureiro, que ousado devassou os terminos do Mundo; » examinai pois esse precioso Systema; attentai todas as suas relações, e vós achareis, que o seu centro consiste na maior somma de bens para o maior numero de homens. Tal he o rapido, nervoso e conciso pensamento, com que o venerando velho Cosmopolita, esse Patriarcha dos Liberaes, descreve a melhor e mais transcendente obra da Razão Humana (21). Que doutrina pois mais analoga ás ideas da Divindade, que ama o homem, como a mais perfeita obra de suas mãos, que o ama como filho, e que tem vinculado a Humanidade com Leis de fraternidade! Oh! sómente os vís satellites do Despotismo, esses verdugos egoistas, que julgando ser Numes, nem homens são, esses sómente podem menoscabar o mais brilhante triunfo da Natureza Humana.

Cidadãos, furtemos alguns momentos á Biographia do homem, que celebramos, para mais d'espaço meditarmos nesse Systema, que vai a fazer o bem da Humanidade. Elle firma o santo dogma da Igualdade e da Liberdade do Cidadão; dogma, que o homem acha no seu coração, e que faz tremer os tyrannos, que o tinhão escravizado; elle reprime a sanha das paixões, e fixa o radioso Imperio da Lei, perante quem, como Rainha, todos devem curvar o joelho; elle reparte os poderes, e os equilibra de fórma, que os monstros da anarchia e despotismo, ou fujão espavoridos, ou gemão

agrilhoados; elle confere o Poder Legislativo aos Representantes da Nação, escolhidos por um systema directo de toda a massa, para que a Lei, vontade geral do povo, seja melhor exprimida; elle faz publicas as funcções do corpo Legislativo, para que do choque das opiniões possa saír o raio da verdade e do bem commum, que fulmina o Egoismo, as paixões, os erros e os prejuizos, e para que os Legisladores tremão perante o Augusto Tribunal da Opinião Publica, a qual inflexivel um dia tomará contas das suas tarefas, e ha de transmittir á Historia os seus nomes, ou cobertos de benções, ou maculados de infamia; elle dá ao Poder Executivo energia, acção e promptidão, concentrando este Poder n'uma só pessoa, para o fim de dar a vida ás Constituições, que saírem da Camera Legislativa; elle faz sagrada e inviolavel a pessoa do Rei, a quem se confere a attribuição divina de não poder peccar, fallando politicamente, ficção indispensavel, para reagir contra qualquer acção desorganizadora, que projectasse o Poder Legislativo; elle confia a applicação das Leis ao Poder Judiciario; Poder terrivel quando a Lei organica não reprime e algema a arbitrariedade dos Juizes, cada um dos quaes se torna um Despota, apunhalando a seu grado os direitos do homem, e zombando da santidade dos seus foros, conforme os seus caprichos e paixões; para se agrilhoar pois este despotismo, o Systema Constitucional submette aquelle Poder tremendo á responsabilidade, tomandolhe contas severas da prevaricação, da connivencia, da arbitrariedade, da ignorancia, da malicia, e de outros muitos e infames crimes, com que Magristrados corruptos se desvairão da rota, que a Lei lhes tem prescripto. O mesmo Systema torna independente o predito Poder, para que o bafo do Executivo o não desbrilhe, arrastando-o no turbilhão da sua influencia. Taes são os elementos organicos do mais bello Systema de Governo, cujo feliz invento he devido ao genio, á filantropia, á massa de luzes, e em fim ás mesmas desgraças, que por muitos seculos mirrárão a desventurada humanidade. Atando agora o fio das nossas ideas, póde haver um homem, amigo dos seus Concidadãos e da sua Patria, que

seja inimigo deste Systema? *Luiz do Rego*, que a vingou, qual outro Thrasybulo; *Luiz do Rego*, que lhe quebrou os ferros, alçando primeiro a voz da redempção; *Luiz do Rego*, que verteu o seu sangue pela causa da Liberdade, póde ser inimigo daquelle systema, que firma essa mesma Liberdade? Um systema, cuja alma he a ventura dos homens, póde ser aborrecido e perseguido pelo Amigo dos homens?

E sobre que bases levantaes vós uma accusação de tanta gravidade? Não tem o General *Rego* manifestado por muitas e repetidas vezes a sua adhesão e afinco á sagrada Causa Constitucional? Não preparou elle o espirito publico, não desenvolveu, não plantou na Provincia, que governava, esse filantropico systema? Não consagrou elle por ventura estes mesmos sentimentos com o juramento, que prestou tão solemnemente? Não jurou francamente essas Bases divinas, onde a voz da Natureza exprime os mais caros interesses da Humanidade? Não proclamou elle aos Povos as vantagens, filhas da Santa Regeneração? Não tomou sobre si toda a responsabilidade, para desagrilhoar os timidos Pernambucanos do susto e pavor, que lhes inspirava esta nova ordem politica? Não entreteve com o Augusto Congresso uma constante e invariavel correspondencia, na qual assoalhou firmemente os mesmos principios d'aferro e d'amor pela causa da Liberdade? Não foi elle o primeiro Governador d'Ultramar, que mais se esmerou na rapida e prompta eleição dos Deputados, que devião representar a Provincia no Augusto Congresso? E estes não forão os primeiros d'além mar, que se reunírão ao Corpo Legislativo? Como pois póde ser conspurcado com a taxa de inconstitucional um Funccionario Publico, que por caracter, por principios, por obras, pela sua probidade, e alfim por seus juramentos tem mostrado invariavelmente o seu enthusiasmo pela Obra da Regeneração? (22)

Grandes crimes reclamão grandes provas; eis um principio dictado pela Natureza, consagrado pela Razão, e sanccionado pelos interesses da Humanidade. Onde existem pois as provas accusadoras? Porque o General não quiz uma Junta

Constitucional? Elle a offereceu por muitas vezes, porém os probos Pernambucanos nada querião, que não fosse regrado pela sabedoria do Soberano Congresso. Porque he cumplice no plano da independencia do Brasil, ordido pelo Conde d'Arcos? Eis a maior das imposturas, eis a ultima lançada de Priamo moribundo. *Borges Carneiro,* esse homem celebre por seu patriotismo, esse homem, cujo nome já não morre para a posteridade, esse homem finalmente sempre querido para os amigos da Liberdade, a despeito da sua vista penetrante jámais pôde enxergar esse crime assacado ao Conde d'Arcos; com tudo elle foi entregue ao Poder Judicial, no Augusto Congresso a sua innocencia he proclamada, e o Conde recupera com a liberdade os direitos da Opinião Publica. Como pois se pretende tomar para esta accusação uma base já destruida? E quando o Conde fosse convencido de perfido, onde existem as provas, que prendão nesta perfidia o General *Luiz do Rego?* Como provaes, accusadores, a collaboração dos planos, e a união dos pensamentos do General sobre o mesmo objecto?

Quereis uma prova mais cathegorica? Attentai para o Recife, quando a voz do Soberano Congresso mandou retirar do governo o General *Luiz do Rego:* que triste espectaculo se vos antolha! O Recife appresenta a imagem dolorosa de uma terra, que, sendo tomada por assalto, he entregue ao furor e bruteza das paixões dos Conquistadores. O susto e a ferocidade, as paixões todas, fermentando entre si, produzem fenomenos aterradores, que espantão a imaginativa do homem menos sensivel; enxames de ricos Negociantes, e abundosos Proprietarios voão de Pernambuco e vão demandar asylo, uns nas praias do velho Portugal, e outros na Bahia, Maranhão, e mais lugares, onde o Anjo da paz e da concordia ainda bafeja a ventura dos Humanos (23). E quem são estes Negociantes e estes Proprietarios, que abandonão a Patria, a fortuna, e o mais precioso no mundo, quando he atermado o governo de *Luiz do Rego?* São os homens do bando Europeo, que tem no coração o filial systema da união do Brasil; são esses visrtuosos Constitucionaes, que não po-

dem outorgar n'uma divisão, que faz a desventura, a fraqueza, a perda da gloria, e dos mais preciosos interesses da Familia Lusitana. Se pois o General era o centro deste systema conservador, como póde ser involvido este mesmo homem na cumplicidade de outro systema contrario, que desorganiza este todo politico, que o retalha em pequenas fracções, e dissolve a vasta e brilhante Monarquia Portugueza (24)?

Malvados, prosegui no vomito negro das vossas imputações. Vós lhe assacaes, que elle se offereceu á Côrte do Rio de Janeiro, para ser o Campeão do Despotismo, que viesse suffocar nos Portuguezes os primeiros gritos da Liberdade, que resoárão na Regeneradora Cidade do Porto. Oh! que infamia! Quanta immoralidade não embebe uma calumnia tão virulenta! Aleivosias deste cunho não são da reste daquellas, que fabricou o torpe, o façanhoso e infame *Sandoval*, para accender o terrivel facho da anarchia? Onde tendes as provas, que firmem uma accusação de tanta graveza? Cobardes, arrostai-vos comigo; produzi factos, e mais não maculeis com vagas imputações as virtudes de um Cidadão bemfeitor da sua patria e dos seus similhantes. A segurança he o mais interessante direito da sociedade; he com esta cautela, que o homem sacrificou uma porção dos seus direitos Naturaes; mas quem póde contar com esta segurança, quando os foros mais transcendentes do homem, do Cidadão, e de um Funccionario Publico são quebrados com tanta facilidade? Assim he taxado no tremendo Tribunal da Opinião Publica o Varão innocente? He verdade, que a sagrada voz da Justiça vindica as suas offensas; mas nem sempre a reparação equilibra a injuria. A malignidade dos homens abraça com mais ancia e afferrolha mesmo com mais tenacidade os improperios e insultos, do que os gabos e os louvores da virtude. Os impios e os inimigos advogão sempre a causa perseguidora, e a voz da imparcialidade não póde correr muitas vezes o mesmo espaço, e trilhar a vereda, que fez o escripto incendiario, aleivoso e accusador. Quem sabe tambem se a voz da Justiça será perdida na noite dos tempos, e que talvez a outra

mortifera da impiedade ladre ainda na mais remota posteridade?

Accusadores, prosigamos na analyse das vossas pragas. Vós afiguraes o General como Despota, Tyranno, e alfim como Verres, e um Verdugo do povo Pernambucano. Vós affirmaes, que a Carta do seu governo foi exarada com letras de sangue, e que elle recebeu mandamentos carniceiros, para reagir contra o bando da independencia. Malignos, não vos faz tremer a bondade do Rei? Não vos faz tremer a verdade dos factos?

Eu protesto perante Deos e o Genero Humano, que aborreço os tyrannos, e que jámais venderei a minha penna para santificar os crimes. He mais facil, dizia o grande Papiniano, commetter o crime horrendo de assassinar o seu similhante, do que justifical-o; mas quando eu emprego a minha penna para gabar as virtudes do General *Rego*, e defender o seu governo, a minha consciencia não he estimulada pelos remorsos, e eu compareço impavido no Tribunal da Opinião Publica. Com esta mesma coragem vou propor as minhas ideas.

Para se dar valia ao governo do General, e pronunciarmos um juizo definitivo sobre a sua conducta, he mister correr pelos olhos, e attentar mui reflexivamente para as circumstancias, em que foi collocado. «Não são as mesmas acções, diz um brilhante Genio, o Illustre *Castello-Branco*, o que então mais devemos contemplar, mas sim as differentes circumstancias, que as acompanhão, e as diversas situações, em que se achão os individuos, que as praticárão.» Eis o primeiro annel, onde deve prender a cadêa dos nossos pensamentos. Quaes erão pois as circumstancias, em que *Luiz do Rego* recebeo o mando Politico e Militar da Provincia de Pernambuco? Todos sabem, que um furacão revolucionario acabava de fazer desgraçado aquelle bello paiz, e que o General foi mandado para castigar os conjurados, restaurar o imperio das Leis, agrilhoar a anarchia, e firmar a tranquillidade e segurança publica e particular da Provincia. Não remonto ás causas, que produzírão e desenvolvêrão aquelle

fenomeno politico, nem he da minha humanidade insultar esses miseraveis, que ou morrêrão victimas, ou gemêrão por largo tempo nos calhabouços da Bahia e Pernambuco. Cubramos com um denso véo essa catastrofe, que será sempre dolorosa para o homem sensivel e filantropico; e limitando-nos pois a justificar o General, não podemos deixar de pronunciar, que a sua posição, durante o seu governo, foi mui vidrenta e delicada, e que outro qualquer homem talvez não desempenhasse com tanto acerto, humanidade e probidade a melindrosa commissão de fechar um volcão revolucionario.

Quando o General tomou conta do governo, a bella Provincia Pernambucana estava retalhada em parcellas facciosas, e ella se achava n'um estado d'anarchia e fermentação. Nestas crises revolucionarias as explosões do homem moral podem ser comparadas ás explosões volcanicas. O terror e a malignidade, a inimizade, e outras muitas paixões fermentão entre si, e produzem resultados assombrosos á Justiça e Humanidade. Que medonha he nestes lances a situação do Funccionario Publico! Melitos infames praguejão e perseguem o mais virtuoso Grego, manhosos Catilinas embótão os gumes da espada justiceira; lá morre Socrates condemnado pelo integerrimo Areopago: lá zomba o crime destro e feliz da constituição da Lei. E que força tem o homem publico contra esta desorganização e transtorno moral? Tem elle por ventura olhos divinos, para entrar no sanctuario dos sentimentos humanos? Embora redobre os seus cuidados, e multiplique os seus trabalhos; porém por mais que lide, poderá elle saltar da miseravel cathegoria dos homens ao serro infinito da Divindade? Triste condição! O homem publico a não póde concertar; as victimas puras por força hão de gemer; e podem taes sacrificios ser attribuidos ao Funccionario do Estado? Não são elles produzidos pelas paixões humanas? Como pois pretendem eclipsar com taes desares o brilho do empregado virtuoso?

Mas não he este sómente o paradeiro das accusações, que supporta. Outros muitos inconvenientes se antolhão; de uma banda a humanidade óra pelos desgraçados; da outra

a Justiça pede os seus direitos, reclama victimas, e requer a vindicação das Leis ultrajadas. O homem virtuoso sente nestes momentos o seu coração retalhado, e uma terrivel anarchia atormenta o seu espirito. Entalado nestas circumstancias, póde elle grangear o amor e bemquerer de todos? Póde elle ser idolatrado por todos, como o outro Funccionario, que em dias de bonança reparte a justiça, e docemente a mistura com os principios sagrados da clemencia? Diga-se por uma vez: « O sangue das victimas devia correr indefectivelmente, e o Magistrado, o General, por mais bondosos que sejão, precisamente hão de ser odiados e perseguidos por todos os cumplices da Revolução, por seus parentes e amigos, e por todos aquelles, que tinhão relações com as victimas da causa revolucionaria. » Eis o foco de todas as hostilidades contra o virtuoso *Rego.*

Eu reconheço, que nesta tremenda crise ainda uma virtude póde fazer a gloria do empregado publico. He a virtude da moderação. Ella consiste em derramar o sangue humano com toda a economia; fórma por tanto o annel precioso, que une a Justiça com a Humanidade. E quanta não foi a moderação do General! Qual revolução mais desorganizadora, e que menos sangue custasse aos engenheiros da mesma? Comparemos esse volcão Republicano com o desenho desses infelizes, que morrêrão martyres no Campo de Santa Anna, e na Torre de S. Julião. Que distancia immensa entre a obra de uns, e projecto dos outros! Que sangue copioso não fez correr este plano precursor da sagrada Regeneração! Oh! terminemos aqui a serie das nossas meditações; eu não quero recordar esses males, que sempre farão brotar dos olhos do bom Cidadão lagrimas de indignação. O celebre Historiador Procopio dizia, que por um sentimento de humanidade não queria ser o narrador das crueldades praticadas pelos Godos. Este mesmo sentimento paralyza a minha penna, para não transmittir á posteridade exemplos de tyrannia e despotismo.

Cumpre confessar ingenuamente, que o Capitão General ultrapassou os terminos da moderação; o seu coração abra-

çou ardentemente á causa da humanidade, e deu sempre mór valia á doçura destes sentimentos, do que aos outros, descendentes da justiça rigorosa. Quantas familias não escudou elle contra o grito perseguidor! (25) Quantos infelizes não abrigou contra os raios da desgraça! Quanto não foi mascarrado pelos Juizes da Alçada, por ser o protector de muitos desventurados, que forão illaqueados na causa da revolução? A quem deve a sua existencia esse homem virtuoso (26), que estava assignado para martyr da mesma revolução? Quem o sosteve e consolou na sua prisão, quando um fado desabrido o lançou naquellas mesmas praias, donde tinha fugido, para que a virtude não fosse martyrizada? Quando esse desgraçado, minado pela dôr, queria pôr termo á sua existência, quem lhe fez ouvir a consoladora voz da Natureza, que pune pela conservação dos seres? Oh! quem póde negar, que o General foi humano e moderado, e que se elle não fôra, reachães de sangue faria correr a maldita Revolução do Recife!

O General, quando viu, que as operações da Justiça devião fechar-se, foi elle mesmo quem levantou o grito da paz e da reconciliação; elle supplicou esse Decreto d'amnistia, em que o melhor dos Reis se reconcilia com o seu povo; elle pede este perdão, como premio dos seus serviços, e galardão dos seus trabalhos. O Rei perdoa como bom pai, o sangue Pernambucano mais não corre, e o virtuoso *Rego* he o Anjo da paz e da concordia, que protege os Pernambucanos. Eis o Leão da Numidia, o feroz, o despota e monstruoso Nero, que he mister amarrar, para que não faça mal aos homens!

Com tudo os cuidados do Governador se multiplicão, a segurança e tranquillidade publica he um objecto de tanta transcendencia, que deve embeber a melhor parte das suas meditações. Não he facil apagar de todo as sentelhas revolucionarias; qualquer leve sopro póde outra vez accender o foco, e nestas circumstancias o olho da Policia deve velar incessantemente: para se obter este fim he mister crear corpos Militares e organizar-se um systema de Policia, que fisca-

lizasse todos os partidos, espreitasse a opinião pública, e espionasse tudo quanto tivesse relação com a segurança do Estado. Este systema não podia deixar de gravitar para a oppressão, e para mingoar a liberdade do Cidadão, porém este lucrava na maior somma da tranquillidade, e na mais firme mantença e guarda dos seus direitos sociaes. Circumstancias extraordinarias reclamão medidas extraordinarias, e esta verdade elementar na arte do Governo justifica o General na adopção e organização de um plano de Policia Militar, que supposto limitava os direitos do Cidadão, todavia era sanccionado pela Suprema Lei, a conservação das Nações.

O General, depois de ter fechado o volcão Republicano, depois de ter firmado o Imperio das Leis, e ter espezinhado o Dragão anarchico, depois de ter em fim consolidado a paz, e a tranquillidade pública e particular, não foi menos zeloso e cuidadoso nos outros importantes ramos da sua administração, inspecção e auctoridade. Elle pôde conseguir em circumstancias mui melindrosas o voto e approvação de todos os probos e virtuosos Pernambucanos; elle repartiu a justiça com imparcialidade, fez respeitar os direitos do Cidadão, zelou a Fazenda Nacional com muito apuro, augmentou as obras publicas, mandou abrir muitas e interessantes estradas, contentou os proprietarios Nacionaes e Estrangeiros, protegeu o Commercio, reduziu o povo á ordem, e os Representantes do mesmo povo não se fartão de bemdizer e abençoar um governo, que hão preferido a outro qualquer (27). Tal he o juizo imparcial, pronunciado por homens livres e Constitucionaes, amigos da Justiça e da Humanidade; voto propalado pelo respeitavel Commercio Inglez, existente na Cidade de Pernambuco: e póde este voto franco, livre e justiçoso ser maculado de mercenario, corrupto, ou violento? Qual força arrancou desses homens Liberaes aquellas expressões, com que alção o governo de *Luiz do Rego?* Não proclamão elles altamente, e de muito bom som, *que o seu governo tem aditado os Pernambucanos?* O caracter Inglez altivo e insoffrido assim se verga diante do Despotismo? E que precisão tinhão elles de queimar incensos

d'escravidão devota perante a tyrannia? Com tudo, continuão elles, *uma facção de gente obscura e escandalosamente perversa* não cessa de praguejar contra o virtuoso General. Esta facção compra mesmo um carrasco (29), para tingir as mãos no sangue daquelle homem, que por tantas vezes o derramou para desagrilhoar a sua Patria opprimida. O impio carniceiro desfecha uma arma contra aquelle peito, que he o thesouro dos mais puros e patrioticos sentimentos; um chumbo traidor o crava, porém o Heroe da Peninsula não desalenta; desembainha aquella espada, que tem feito a gloria da sua Nação, persegue o monstro sedento do seu sangue, o cobarde procura valhacouto nas aguas do rio, e a Natureza indignada sepulta no bojo da morte esse monstro degenerado da especie humana. Assim fechou o circulo de tenebrosos e infames dias o mais infame e o mais cobarde verdugo, que desenhava martyrizar o General, e accender de novo o facho da discordia, para pôr em combustão e anarchia a bella obra dos Albuquerques (30).

Graças, infinitas graças á Providencia! Ella sempre vigiadora não consentio, que o crime colhesse os fructos do seu projecto, e alcançasse um triunfo mesmo ephemero sobre a virtude. O General vive, e he livre do perigo. O imperio das Leis não foi convulso por um só momento; todos os bons, alçando as mãos aos Ceos, rendem as graças pela conservação de uma vida, que salvou a mais bella Provincia do Brasil das lavaredas revolucionarias, que pretendia assoprar o Genio do Mal. O grito da Opinião Publica, grito sagrado, que falla fiel á Posteridade a despeito da vozearia das paixões e dos partidos, este grito pois se levanta contra a infernal conspiração; elle designa os artistas de tão infame e tenebrosa têa; clama altamente pelo seu sacrificio, e requer o descabeçamento dos conjurados. A Camera do Recife levanta vozes sentidissimas (31) contra esses façanhosos urdidores da trama diabolica. Ella lastima, que o paiz classico do valor e da fidelidade, onde os Vieiras (32), os Camarões e os Dias ganhárão uma fama immortal, produzisse esses degenerados, feituras infernaes, que projectavão botar por terra a columna da tranquillidade da

Provincia, todavia ella se congratula, porque o crime não consummou o seu matador projecto. Os bravos Militares, o respeitavel Corpo Commercial, o Povo todo (33) (excepto um punhado de malvados), todos alfim á porfia bradárão indignadamente contra uma conjuração, que tinha por centro o roubo, a vingança e anarquia. E quando uma voz se propagou no Recife, que erão soltos os cumplices desta trama, então que gritos de indignação não despertou o Povo Pernambucano! Foi mister, que o General desmentisse esse boato, para ser abonançada a agitação popular (34).

Em vista destes sentimentos, pronunciados com uma energia filha da convicção, podem os inimigos do General affirmar em verdade, que a Opinião Publica foi quem desfechou essa arma sanguinaria? Podem dizer, que o despotismo e corrupção foi quem dictou e arrancou as vozes de uma Camera, do respeitavel Corpo do Commercio Portuguez e Inglez, dos honrados Militares, e desses Escriptores, que annuncião a verdade com tanta intrepidez e tanta coragem? Oh! não, não he possivel tanto soborno. Sim, malvados, quem deve ter maior graveza na balança d'Astrêa: os latidos de uma pequena manada de homens obscuros e manifestamente perversos (35), a quem o Governador fez justiça, por involvidos na Causa da Revolução, ou as vozes puras e sentimentos francamente ditos de Corporações illustres, e de Varões probos e virtuosos, liberaes, e amigos do Rei e da Patria?

Eu appello para o tremendo Tribunal da Posteridade de qualquer decisão injusta contra as virtudes do General *Luiz do Rego Barreto*. Tenho advogado a sua Causa com o olho cravado na verdade dos factos, nos direitos sacrosantos da innocencia, no pról da minha Patria e nos interesses da Humanidade.

Não duvido, que a inveja, as paixões e o espirito de partido hão de combater com todas as suas forças esta breve Memoria, onde deixo para as Gerações vindouras alguns factos, que concorrão para o triunfo da verdade. A Posteridade pois, sempre justiceira, vingará a sua Gloria, e julgará da pureza das minhas intenções.

F I M.

NOTAS.

(1) Esta he uma das Bases assentadas no nosso Pacto Social. Este direito em todos os tempos tem feito tremer os Tyrannos, que buscão na ignorancia dos Povos o escudo mais forte das suas usurpações. O lume da Razão mostra ao homem quaes são os seus direitos e os seus deveres, e he por tanto do interesse do despotismo eclipsar este lume, para que nas densas trevas da ignorancia se não possa ver, que os homens são iguaes, e que distão sómente uns dos outros na maior, ou menor somma de bens, que fazem á Humanidade. O Illustre Fernandes Thomaz proclamou altamente, que a Liberdade da Imprensa he irmãa gemea dos Governos Constitucionaes e Representativos. Ouçamos o mais bello Orador dos direitos do homem, Mr. d'Etienne: « Que he, diz elle, um Governo Representativo? A intervenção da communidade nos negocios do Estado. Por que fórma se verifica esta intervenção? Por meio da publicidade, que instrue e defende os membros da sociedade. Logo pois destruir esta publicidade, he anniquilar o Governo Representativo. »

(2) O premio da virtude e o castigo do crime são os dois grandes pólos do Mundo Moral; com tudo uma triste experiencia nos mostra, que um Nero adultero, matricida, um monstro em fim, que desejava cortar a virtude pela raiz, como Tacito se exprime, vive feliz, ao mesmo tempo, que esse virtuoso Grego bebeo a morte na cegude por mandamento do Areopago. A falta deste equilibrio espanta o Filosofo, o qual desacordadamente accusa a desordem nas ideias moraes, porém a Religião consola o homem, e lhe mostra a grande base do Systema Moral na immortalidade do Espirito Humano; com tudo a Liberdade da Imprensa concorre muito para o aperfeiçoamento daquelle Systema, ou porque a pureza dos costumes está na razão da maior cultura do espirito, ou porque a mesma Liberdade, annunciando as virtudes e desmascarando os crimes, estimula muito para o premio de umas e punição dos outros. Em verdade a Liberdade da Imprensa sósinha contrabalança as forças de todas as peças d'artelharia, com que os Tyrannos se defendem. Sim, embora os Despotas estejão cercados de Guardas e Fortalezas, embora 200:000 baionetas protejão a entrada de seus sumptuosos Palacios, embora sua consciencia callosa seja insensivel aos remorsos; embora!.! mas por ventura podem elles escapar á penna do escriptor? Oh! não, não de certo. Elle os chama ao severo Tribunal da Opinião Publica, onde seus crimes são assoalhados; elle faz que seus nomes sejão amaldiçoados; elle finalmente arma o Genero Humano contra os inimigos do mesmo Genero Humano. Taes são os felizes resultados, que fructifica aquella venturosa Liberdade, que entra nas Bases do nosso Pacto Regenerador.

(3) O grande Tullio assim abrilhanta a Historia com este pomposo elogio: *Historia testis temporum ; Lux veritatis ; Vita memoriae ; Magistra Vitae ; Nuncia vetustatis.*

(4) *Luiz do Rego Barreto* he natural da Villa de Viana do Minho. Nasceo aos 28 de Outubro de 1777. He filho de *Antonio do Rego Barreto*, cujos ascendentes rivalizárão em gloria com os Albuquerques, os Castros e outros Heroes, que fundárão o brilhante Imperio Portuguez nas partes do Oriente. Assentou Praça no Regimento de Infantaria N. 9 no 1.° de Março de 1790, foi reconhecido Cadete em 31 de Outubro de 1792, promovido Porta-Bandeira em 26 de Julho de 1798, Alferes em 24 de Junho de 1802, Alferes de Granadeiros em 24 de Junho de 1806, e Tenente em 24 de Junho de 1807. Quando os Francezes invadírão Portugal neste mesmo anno, *Luiz do Rego* pedio a sua demissão, e como particular veio no retiro e na solidão chorar as desgraças da sua Patria, até que a venturosa Acclamação despontou no anno de 1808, de cuja brilhante empreza tanta gloria coube a *Luiz do Rego*, como abaixo diremos mais especificadamente.

(5) A guerra da Peninsula, que botou por terra o Throno do mais façanhoso e mais ardiloso dos Tyrannos, occupará sempre um lugar mui distincto nos Fastos do Genero Humano: Seja-nos dado espraiar a nossa mente por alguns destes feitos assombrosos, que supposto fizerão a nossa desgraça momentanea, todavia fizerão d'envolta a brilhante e duradoura gloria da Nação Portugueza. Todos os contemporaneos de mediana instrucção sabem como se desenvolveo a Revolução de França, como se nutrio e tomou por fim um aspecto horrendo, que fez tremer as Nações. O olho do immortal Burke vio logo no nascedouro os males, que brotarião desta grande convulsão Politica. Elle, como inspirado, comparou este feito extraordinario aos ventos impetuosos, cujas rajadas desolão a Natureza physica. « Elle póde acabar, dizia Burke ; porém seus effeitos acompanharáõ muitos seculos na sua carreira. » Os do nosso tempo são testemunhas desta terrivel verdade, bem como o são desse fanatismo revolucionario, que devorou successivamente a Assembléa Constituinte e Legislativa, a Republica, o Directorio e outros Governos ephemeros, que voárão velozmente, até que um sceptro de ferro e manchado de crimes caío nas mãos desse Homem, que foi o maior inimigo dos Homens. Bonaparte, cujo nome enuncia todos os males, foi esse Tyranno, que pingando o sangue de victimas innocentes, saltou ao mais bello Throno do Mundo. Elle abrio o rumo por entre os crimes, para dar este salto, e a misera Gallia foi constrangida a sagrar nesse mesmo Throno os crimes do homem, que era o seu Tyranno. Collocado Imperador dos Francezes, Bonaparte ajuizou, que a Politica e o Direito das Nações devião ter novos polos, sobre que gyrassem. O ferreo egoismo, um interesse malvado foi escolhido para a grande base do Systema Politico, que tinha a organizar. A probidade, a honra, a fidelidade, em fim a boa fé erão molas ferrugentas, que não fazião mover a sua machina infernal. Aproveitando o desenho, mas não as virtudes desse Homem extraordinario, de Carlos Magno, elle projectou realizar suas idêas ambiciosas no restabelecimento de uma Monarquia Universal, idêa chimerica, contra a qual tem constantemente reluctado a experiencia de todos os tempos. « O Systema Politico de Frederico II, exclamava o Monstro, deo fim neste seculo, e as grandes Nações devem de-

vorar as Nações pequenas.» Assim dominado por esta vertigem devoradora, não poupava meios, que lhe dessem aquelle resultado. As Nações, como estuporadas, olhavão indifferentemente para esse Caco terrivel, que devorava umas apoz das outras. A Peninsula Hespanhola tinha comprado uma paz pouco decorosa com muitos e acurentados sacrificios; porém o malvado, que tinha a perfidia no peito, tinha decretado a sua morte para a consummação do seu Plano atrocissimo. O Tratado de Tilsit o collocou no fastigio da sua grandeza artificial, e então a sorte terrivel dos Povos Peninsulares foi ahi mesmo decretada. Era mister engodar a Hespanha, e o Tratado de 27 de Outubro de 1807 foi fabricado para se illudir o melhor e o mais virtuoso dos Alliados da França. Entrão os Exercitos Gallos na desventurada Hespanha, e um Governo inerte e corrupto lhes abre as portas dos Pyreneos. O seu fim he retalhar o misero Portugal em tres quinhões (dizia o Tratado), e esse Principe da Paz, cujo nome será sempre relevante na Historia dos crimes, entra tambem com o seu Formal na partição do innocente Portugal. O fanfarrão Junot corre veloz; porém um Principe virtuoso corta feiticeiro os laços mais doces da Natureza, e lavrando os mares em alterosos baixeis, vai demandar asylo nas Costas, que devassou o intrepido Cabral. O quadrilheiro Junot entra em Lisboa, e he recebido com os braços da boa fé e da amisade. Elle proclama, que o fim da sua missão he salvar Portugal da influencia maligna dos Inglezes. « Estai tranquillos em vossas casas (exclama o perfido), nada temais de mim, nem do meu Exercito; nós somos terriveis sómente para os malvados, e para os nossos inimigos; eu vos protegerei. » Ai de nós com esta protecção dos Francos! Cardumes de males chovem sobre nossas cabeças innocentes; porém que risonhos quadros se nos affigurão para minguar nossas agonias mortaes! Até mesmo se nos promette um novo Camões Beirão, para fazer, como o outro, as nossas delicias!! Um emprestimo de dois milhões de cruzados he a primeira, que desaba sobre nós. O commercio desangrado soffre esta primeira ferida; todas as propriedades da Nação são confiscadas, e o Governo intruso lhes bota a mão da rapina. Abrem-se immensos sangradouros, para chuparem a ultima substancia do Estado. Nossos Protectores entrão com altivez nas casas principaes, e requerem dellas um luxo Asiatico. Lá troveja em Milão o fatal Decreto, que proclama vago o Throno dos Braganças, e fulmina o Povo Portuguez com a enorme contribuição de cem milhões de francos. E para que fim? Para o resgate de nossas pessoas e de nossas propriedades. Oh! que decreto das Nações no seculo gabado da Filosofia! Monstro, onde houve a guerra, que justifique a tua conquista? Uma manada de mendigos atravessa o estadio Lusitano com o sacro nome d'amisade na bocca; suas proclamações respirão esta linguagem; elles são recebidos com os emboras mais fagueiros, vestem nossas roupas, comem o nosso pão, alimpão a lazeira da fome e da miseria, que os minava, e no remate de tudo isto este Povo hospitaleiro, este Povo de Heroes he chamado escravo, e para ser redimido, cumpre-lhe pagar cem milhões de francos!! Lá nos tempos futuros poderá ser acreditado este feito? Que juizo formará a Posteridade imparcial sobre as luzes e a moral do nosso seculo, tão ruidoso nos Annaes do Genero Humano? Com tudo não he este o paradeiro de tantas atrocidades. Sim, que arbitrios não engenha a fraude, para zombar dos nossos direitos! Esse financeiro e machiavelico Hermman idêa a traça de receber por conta as pratas, que ornavão nossos Templos. Ai! que cumulo de roubos e profanações! Nossas Igrejas

e nossas Corporações Religiosas são expiladas do mais precioso, e a fatal imposição montaria alem de cem milhões de cruzados, se a mão da Providencia não cortasse o fio de tantos crimes.

A flor do nosso Exercito he cortada, e vai transplantada verter nas margens do Danubio, do Oder e Borysthene o seu precioso sangue na defensão do mais deshumano de todos os Tyrannos. São roubados nossos Arsenaes, e alfim calculando pela Historia o nosso heroismo, buscão accuradamente despojar-nos de tudo, que os póde assustar. Mas que illusão! que engano! A hora da resurreição bate, e o valor Lusitano se levanta do somno, em que dormia. Eis resurgem novos Gamas, novos Castros, Albuquerques, Cabraes e outros, que restaurão a Lusa gloria. Já resôa o trovão da vingança, quebrão-se as cadeias, que prendião nossas mãos, o ar he povoado de gritos redemptores, e a risonha aurora da Liberdade Europêa começa a fulgurar na parte mais occidental desta porção do Globo. Essas Aguias, que outr'ora encaravão fito a fito para o Sol, já não podem supportar o brilho das Quinas Portuguezas. Sim, o Throno do Impio range commovido pela coragem desta gente bellicosa, herdeira das virtudes de Viriato. Sua bravura multiplica as victorias, e estas baquêão por terra esse Throno, feitura do crime, onde o Genio do Mal sentado dictava a destruição dos Humanos. He redimida a Familia Europêa, a sorte do Mundo transmuda-se, e o pensamento do homem, desprendido das cadeias, com que o despotismo o tinha sopeado, defende a luz e a vida no Mundo Moral. Já circulão ideias Liberaes, a causa da Humanidade he vencedora, apparecem Governos Constitucionaes e Representativos, onde são proclamados os direitos do Homem. Quem obrou tantos prodigios? Quem deo o impulso a tantas maravilhas na Ordem Moral? A Historia vingará um dia a Gloria dos Portuguezes. Ella dirá imparcial: « A Liberdade do Mundo he filha da coragem, do patriotismo e mais virtudes da Gente Lusitana. »

(6) Ainda os Francezes senhoreavão Portugal, quando *Luiz do Rego* acclamou o Governo legitimo do Principe Regente no dia 20 de Junho de 1808 na notavel Villa de Viana do Minho. Os Povos se reunírão á sua voz, e todos appellidárão a Liberdade, imitando o seu exemplo. O susto tinha enregelado as Auctoridades constituidas; com tudo a voz patriotica de *Rego* desprende todos os temores, e todos de bom grado abração a Causa da nossa feliz Revolução. He organizada uma Junta Provisoria, a qual desveladamente emprega os seus trabalhos, cuidados e vigilias, para consolidar a obra começada. *Rego* he constante companheiro nestes trabalhos; mas que outros serviços de muita transcendencia não practica *Luiz do Rego*, nesta epocha! O Genio do Mal não cessava de assoprar o fogo da discordia; uma tempestade desfeita de males parece destruir a obra nascente da redempção. O Povo furioso e sem o freio das Leis tomava prazer na perseguição dos bons, leaes e respeitaveis Cidadãos; com tudo *Rego* era o Santelmo nestas borrascas, a sua voz abonançava as ondas bramidoras do furor popular, e muitos innocentes devem ora a sua existencia ao patriotismo do General. A Junta Provisoria querendo galardoar os seus serviços, o nomeou Major do Regimento de Infantaria N. 9, e o Corpo Commercial desejando testemunhar o seu reconhecimento, lhe offertou uma medalha d'ouro, com a legenda = *A Patria agradecida.* = Este ornamento patriotico, que o releva como Restaurador da sua Patria, he para elle de tanta, ou mais valia, do que outros muitos, com que os Soberanos o tem condecorado.

pelos seus importantes e brilhantes serviços. O Governo Supremo, erecto na Cidade do Porto, confirmou a Graça, feita pela Junta Provisoria de Viana, e mandou crear na Cidade de Viseu o celebre Batalhão de Caçadores N. 4. *Rego* ultima esta empreza por entre perigos immensos e trabalhos mui penosos. Elle obteve mesmo o fardamento deste Corpo, que depois conduzio ao Campo da honra a cubrir-se de gloria. Com elle fez importantes e luzidos serviços á Causa da Liberdade nas acções de Santo Antonio do Cantaro, Mortagoa, no Bussaco, no Pombal, na Redinha, Foz d'Arouce, Fuentes d'Honnor e assalto de Cyudad-Rodrigo. Na mesma Cidade de Viseu sopeou e algemou mais por outra vez o monstro d'anarchia. A Viuva Mendes e outras muitas familias devem muito ás virtudes do General *Rego*. Elle as salvou da voragem revolucionaria.

(7) Todos sabem a bella resposta do vencedor d'Ormuz, quando o Sophi da Persia mandava buscar deste Rei vencido o tributo, que costumá pagar-lhe: « Eisaqui a moeda (diz Albuquerque, mostrando aos Embaixadores da Persia um prato cheio de ballas), eisaqui a moeda, em que o Reî de Portugal costuma pagar os seus tributos. » Que lição para o nosso tempo!

(8) A acção de Santo Antonio do Cantaro foi na vespera da batalha do Bussaco, que teve lugar aos 26 de Setembro de 1810.

(9) A batalha do Bussaco mostrou quem erão os Portuguezes. Ella foi dada aos 27 dias de Setembro de 1810; Lord Wellington exclama com enthusiasmo a favor desta gente bellicosa: « Vê-se, diz elle, que não foi « perdido o tempo empregado em disciplinal-as (as Tropas Portuguezas), « pois que ellas são desde hoje a base mais solida das esperanças, que nos « restão de libertar a Peninsula. » Tanto póde o aperfeiçoamento da razão humana! Wellington foi um Profeta.

Lord Beresford, no Officio, que dirigio ao Governo em 30 de Setembro de 1810, se exprime pela seguinte linguagem: « A conducta do Batalhão de Caçadores N. 4 merece ser particularmente mencionada, assim pelo seu valor no ataque, como pela constancia, com que supportou por todo o dia o inimigo. » O mesmo Beresford na Ordem do dia 28 de Setembro do dito anno honra com appellido de Bravo o Commandante *Luiz do Rego Barreto* juntamente com os Soldados e Officiaes do seu Commando. Lord Wellington o gaba tambem no Officio, que de Coimbra dirige ao Governo em 30 do mesmo mez e anno.

(10) As Linhas formidaveis, que o Genio da Guerra traçou nos montes de Torres-Vedras, entre o Mar e o Tejo, salvárão Lisboa, e tambem a Peninsula. O Marechal Massena foi deputado por Bonaparte, para atermar a guerra Peninsular. Este General entra com um Exercito de 94:000 homens; investe Almeida, e esta Praça se rende em 17 de Agosto de 1810. O Exercito Anglo-Portuguez toma posição nas alpestres serras do Bussaco. Os Francezes o attacão, e são bem sangrados. Wellington flanqueado desce do Bussaco, e vai asylar-se naquellas Linhas, que serão sempre consideradas como a mais bella producção do engenho Militar. Massena corre impetuoso, porém toda a sua audacia quebrou naquelle ponto. Medita, tenta e desespera. O Exercito Francez começa a sua retirada no dia 4 de

Março. O Marechal Ney o protege, e Lord Wellington justiçoso reconhece os brilhantes talentos de Ney; com tudo a retaguarda do Inimigo he atacada no Pombal, na Redinha, em Foz d'Arouce, e successivamente o foi até o dia 21 do dito mez de Março. Em todas estas acções *Luiz do Rego* teve uma parte muito gloriosa, e a sua conducta he constantemente gabada pelo Commandante das forças reunidas, e pelo General em Chefe do Exercito Portuguez.

(11) Badajoz foi assaltada e rendida em 6 de Abril de 1812, e *Luiz do Rego* he elogiado na Ordem do dia 1.º de Maio do mesmo anno. A bravura deste Official nesta empreza sobrepassa toda a expressão. A conquista desta Praça interessante he devida á coragem de *Rego*. A voz da Historia reclama os principios de justiça. Na memoria de muitos Officiaes existe gravado o denodo, com que *Luiz do Rego* escalou a Praça primeiro que todos com o Regimento N. 15, e como dirigindo-se para a brecha, onde Philipon tinha reunido a força principal, os Francezes são cortados pelo susto, a sua coragem he quebrantada, os sitiadores redobrão as suas forças, accommettem com novo impeto, e emfim Badajoz he rendida. A posteridade vingará a gloria do General *Rego*.

(12) A celebre batalha dos Arapiles foi dada em 22 de Julho de 1812, e *Rego* he elogiado na Ordem do dia 25 de Agosto do mesmo anno.

(13) A batalha de Victoria he famosa pelos seus resultados. Ella teve lugar em 21 de Junho de 1813. *Luiz do Rego* foi elogiado na Ordem do dia 1.º de Julho do mesmo anno.

(14) No assedio de S. Sebastião de Biscaya *Rego* cobrio-se de gloria. A rendição desta Praça he obra sua. A inveja não póde encobrir este feito venerando. Quando a morte vomitava todos os seus horrores, *Rego* exclama: « Soldados, agora pertence morrer ao vosso Commandante. » Nisto afferra uma Bandeira, e denodadamente escala a Praça, todos o seguem, e a victoria coroou tão nobre esforço. Estas acções tiverão lugar aos 26 e 31 de Agosto de 1813, e *Rego* foi elogiado pomposamente na Ordem do dia 9 de Setembro de 1813.

(15) O Principe da Hollanda, que então apprendia a Arte da Guerra com Lord Wellington, o honrou com a sua amizade e seus beneficios. O Principe de Galles, então Regente da Inglaterra, lhe testemunhou em carta escripta pelo Duque de York o apreço e admiração, que tributava aos seus eminentes serviços. Elle finalmente foi condecorado com a Cruz das sete batalhas, que forão Bussaco, Badajoz, Arapiles, Victoria, S. Sebastião de Biscaya, Nive e Nivelle.

(16) O grande Henrique IV, o melhor Rei dos Francezes, aquelle, que ainda hoje arranca lagrimas ao homem virtuoso, foi assassinado pela mão do Fanatismo, coberto com a capa da Santa Religião. Assim zombão os Fanaticos desta casta filha da Divindade!

(17) Quando eu ponho na caridade e na beneficencia o centro da Moral, eu sigo a doce e fraternal voz da Santa Religião, que professamos. Em todo o Evangelho fulgura este sacrosanto preceito; com tudo eu quero

ser entendido, para não ser perseguido pelos malvados, ou ignorantes: eu reconheço, amo e aprecio todas as mais virtudes, que a Divina Religião nos ensina; porém reconheço de mistura, que todas essas virtudes levão comsigo o germen da beneficencia, e que todas em ultima e rigorosa analyse são dirigidas para bem fazer aos Humanos. Poderia mui facilmente fazer essa anatomia moral; todavia esta tarefa sáe fóra do circulo do meu projecto, e por isso não me abalanço a essa empreza.

(18) Duarte Pereira Pacheco, um dos Heroes Portuguezes, que submettêrão as Indias. Camões lhe deo o nome d'Achilles. Este Heroe, calumniado na sua velhice, abandonado, despojado de todas as honras, e reduzido á maior penuria, morreo esquecido n'um Hospital de Lisboa, onde servia d'Enfermeiro aos doentes!!

(19) *Luiz do Rego Barreto* foi nomeado Capitão General e Governador da Provincia de Pernambuco por Carta Regia de 26 de Abril de 1817. Esta Carta faz toda a honra aos serviços e relevantes merecimentos de *Rego*. Ella vai no *Documento N.* 1.

(20) A caridade de *Luiz do Rego* he superior a todo o elogio. Os pobres o esperavão, quando saia de sua casa, e elle francamente repartia com elles quanto levava.

(21) Jeremias Bentham, Advogado Inglez, mui celebrado pelos seus principios liberaes e fecundos, que tem propagado a bem da humanidade. Este velho franco e generoso, em vendo pleiteada a Causa da Liberdade, sem mais detença toma bando pelos homens, que pretendem ser livres. Elle os ajuda com as suas brilhantes luzes, e maneja com o maior enthusiasmo a penna em seu beneficio. Homem raro e digno da immortalidade recebe os votos da nossa gratidão! O tempo tudo gasta; mas sua força não poderá destruir a memoria dos teus serviços a bem dos Humanos.

(22) Estes argumentos são desenvolvidos mais explicitamente nos *Documentos*, que vão transcriptos debaixo dos *Nn.* 2 e 3.

(23) Estes Negociantes e Proprietarios entrando no Tejo dirigem logo ao Soberano Congresso o relatorio de seus males, onde desenvolvem o estado da Provincia, a expatriação de muitas familias, e as causas de tantas desgraças. Este *Documento* vai transcripto no *N.* 4, e se corrobora com os outros dos *Nn.* 5 e 6, e poderiamos auxilial-os com outros muitos recem-chegados.

(24) A união de Portugal com o Brasil he um dos grandes Problemas Politicos, que deve embeber as mais profundas meditações. Parece que a Natureza destinou estes Paizes para viverem em união fraternal, não obstante serem separados pelo grande Mar Oceano. A diversidade das suas producções fórma este laço, fysicamente fallando. A gratidão do Brasil deve formar o outro moral; com tudo he mister combinar os interesses reciprocos, e esta combinação he o chefe d'obra da Politica Humana. As ideias da Independencia do Brasil tem a sua filiação no terrivel egoismo, porque o pról commum requer a conservação desta vasta Monarquia, que para ser

brilhante e governar as Nações da Europa, como dizia Pitt, sómente carecia de um bom Governo. Legisladores, um Cidadão obscuro vos pede, que resolvaes este Problema com aquella profunda meditação, que caracteriza as vossas obras.

(25) O Brigadeiro Perez, perseguido por causa da Revolução, foi efficazmente protegido por *Luiz do Rego*, e quando em fim foi arrancado do seio da sua familia, *Rego* protegeo suas filhas com a maior humanidade, as quaes entrárão n'um R colhimento, e lhes obteve uma consignação annual de quatro mil cruzados, para a qual o Governador subscreveo com avultada quantia.

(26) O antigo Secretario do Governador José Carlos, protegido por *Luiz do Rego*, a quem o Tenente d'Alçada queria mesmo prender em casa do Governador. Este homem expatriado e foragido em França, ia para o Rio de Janeiro justificar a sua innocencia, porém uma tempestade o lançou nas praias de Pernambuco, donde tinha fugido á perseguição. Preso e desgraçado, elle queria pôr termo á sua existencia, porém o General o consolou, o tempo adoçou a sua magoa, e por fim a sua virtude foi crystallizada e triunfou da calumnia.

(27) Representação do Commercio Inglez, datada em 7 de Agosto de 1821.

(28) São expressões da dita Representação.

(29) A historia deste crime, suas causas e o mais relativo á Revolução de Goyana, plano dos conjurados, ataque do Recife e mais successos, daqui provindos, se póde ver no *Documento N.* 7.

(30) Duarte Coelho d'Albuquerque conquistou a Provincia de Pernambuco. O Rei D. João III lha deo por sua qualidade e relevantes serviços, feitos na India.

(31) Representação da Camera do Recife do 1.° de Agosto de 1821. N. 8.

(32) João Fernandes Vieira, chamado o Governador da Liberdade, celebre na guerra contra o Framengo.

(33) Representação de 7 de Julho de 1821 com 210 assignaturas.

(34) *Aurora Pernambucana* N. 22.

(35) Já disse, que são expressões do Commercio Inglez.

DOCUMENTOS.

N. 1.

Carta Regia, por onde Luiz do Rego Barreto *foi despachado Capitão General e Governador da Provincia de Pernambuco.*

Luiz do Rego Barreto, Marechal de Campo dos Meus Reaes Exercitos: Eu ELREI vos envio muito saudar. Sendo necessario, que restaurada a Capitanía de Pernambuco ao intruso Governo erigido pelos rebeldes, haja pessoa de honra, intelligencia e confiança, que no Meu Real Nome governe aquella Capitanía e mantenha no devido socego, obediencia e fidelidade os seus habitantes: E tendo-vos Eu encarregado o Commando em Chefe das Tropas, que ora Mando, para reduzir aquella Capitanía á sua devida sujeição: Julguei acertado não sómente Nomear-vos para aquelle importante destino; mas Ordenar, que logo que entreis em qualquer parte do Destricto da referida Capitanía de Pernambuco, vos declareis Governador e Capitão General della, servindo-vos de Titulo esta Minha Carta Regia, que fareis successivamente registar nas Cameras das Terras, por onde fordes passando, e quando tiverdes chegado á Capital do Recife, alli tomareis posse do Governo com as formalidades do costume, supprindo esta Carta a vossa Patente, que depois vos mandarei expedir, e Havendo-vos por dispensado do Juramento de Preito e Homenagem, que deverieis prestar em Minhas Reaes Mãos pelo referido Governo: o que tudo Me pareceo participar-vos para vossa intelligencia, e para que assim se execute sem duvida ou embaraço algum. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro aos 26 de Abril de 1817. *Rubrica de S. M.* = Para *Luiz do Rego Barreto.*

N. 2.

Reflexões sobre um §. *do* Astro da Lusitania N. 325.

Havendo eu lido no tenebroso *Astro* N. 325 uma insana diatribe contra o Poder Executivo, contra o Augusto Congresso da Nação e contra o General *Luiz do Rego*, alem de outros individuos, que são abocanhados pelo Redactor daquelle incendiario e perigoso Jornal, cumpre-me contradizer, senão tudo quanto alli se affirma (o que não fôra difficil, pois não passa de um montão de insolentes inepcias), ao menos o que se lê contra *Luiz do Rego*. Tenho só em vista defender o merecimento real insultado por um fofo pigmeo em Literatura e Politica, cujo mais constante empenho he deprimir o credito de Cidadãos illustres, que merecem a estima publica. Há quem diga que uma baixa e vil inveja lhe ministra as tintas, com que pretende ennegrecer a fama de um General, que tantos serviços tem feito á sua Patria; tambem crê muita gente que *auri sacra fames* o impelle a escrever contra o que entende. Eu com tudo, como dou muito pouco por

seu entendimento, não curando de mais nada, vou directamente examinar o que se diz, sobre o que farei as reflexões, que justas se me antolharem. O publico decidirá por que parte está a razão; por quanto essa turba de homens indignamente calumniadores, que tem ahi levantado os mais atrozes aleives, não merece a menor attenção; deixo esses desgraçados envoltos na poeira do vilipendio, que os cobre, e estou vingado.

O Redactor embicou na prisão de *Luiz do Rego*, dando por motivo de ella se dever effeituar a prisão de Stockler, o que he um fortissimo raciocinio.

Stockler oppoz-se ao Systema Constitucional, escreveo ao Governo insultando as Côrtes, vedou a entrada de escriptos Constitucionaes nas Ilhas; fez morrer dentro dos corações de todos os Insulares, que infelizmente governava, o grito de adhesão ao Systema Regenerador da nossa Patria; fez um plano de Inquisição contra Pedreiros Livres, e os perseguio de morte; Stockler sacrificou (dizem) ao idolo sanguinolento do Despotismo muitas victimas, que perecêrão ás mãos de soldados ebrios e enfurecidos adrede pela mais indigna impostura, etc.

Olhemos agora para *Luiz do Rego:* este foi o unico de todos os Governadores do Ultramar, que ousou proclamar a Constituição, persuadindo aos Povos, ainda reluctantes, a declararem-se por ella. *Luiz do Rego* no mesmo dia, em que juntou o Povo do Recife, e lhe persuadio em um discurso cheio de energia e de razão, que lhe convinha ser Constitucional, quiz demittir-se do Governo, e empregou os seus esforços, para convencer o mesmo Povo de que esta mudança lhe era util. Fez isto por tres vezes, e outras tantas pedio ás Côrtes, a ElRei e ao Regente do Brasil a sua remoção. *Luiz do Rego* á força de continuadas diligencias accelerou a eleição dos Deputados, tanto, que forão os de Pernambuco os primeiros, que no Congresso se appresentárão vindos do Brasil; havendo-se naquella Provincia tratado das eleições por mandado do Governador, muito antes de receber-se ordem para isso. *Luiz do Rego* não prohibio ao principio, como todos os mais Governadores, a entrada e publicação de escriptos Constitucionaes, pelo contrario publicamente aconselhava todas as pessoas, com quem fallava, a lêl-os e espalhal-os. Antes do dia 3 de Março em sua casa se cantavão coplas Constitucionaes, se davão vivas á Constituição, o que muito de proposito se fazia, para desenganar o Povo sobre as ideias politicas do General. Antes desse dia avisou elle o Commandante da Rosalia, a fim de fazer-se á vela quanto antes, receando alguma ordem de embargo do Rio de Janeiro. Ainda depois do mesmo dia 3 de Março teve *Luiz do Rego* contra si em Pernambuco o partido dos timidos (e erão tantos!!!), que o accusavão de revolucionario e infiel ao Rei, dando-o por causador de novas desventuras, que, dizião elles, estavão ameaçando a Provincia. *Luiz do Rego* desenganou essa gente, protestando-lhe, que elle tomava sobre si toda a responsabilidade; por quanto elle fôra o motor das deliberações, que se havião tomado. Assim tranquillizou os animos de mil cobardes, que só por medo delle havião annuido á grande Causa da Nação. He verdade que mandou prender muitos individuos; porém aposto que o Redactor do *Astro,* antes de resolver-se a atacar *Luiz do Rego*, não curou saber, se este teve razão, ou não, que a isso o movesse?

Os dois primeiros Officiaes, que forão presos, causárão por seus discursos imprudentes e proprios de homens indignos, o maior descontentamento a muitos dos principaes habitantes do Recife; pois que publicamente

começárão a vozear, que era preciso que ás Tropas se dessem grandes soldos; e que se do Thesouro Publico lhes não pagassem, os irião tirar dos cofres dos-Negociantes; bagatella!!! Assim mesmo não forão nem presos, nem tratados como taes; mas sim rapidamente removidos de uma terra, aonde principalmente um delles tinha feito actos grandes!

Seria longo enumerar agora os motivos, que houve, para se prenderem os mais individuos, que forão presos; digo só de passagem, que os quarenta e tantos, que vierão para esta Capital, se não erão criminosos, erão pelo menos geralmente execrandos; pois contra elles se manifestou o opinião publica quasi sem excepção. Nem esta se contentou com detestal-os; porque as corporações Militares, o Commercio e a Camera em nome, e como orgão do Povo, manifestárão por escripto a sua indignação. A unica pessoa, que os quiz favorecer, foi o tyranno de *Luiz do Rego*: isso o póde affirmar o Padre Caetano Antunes, que pedindo-lhe a soltura do Bourbon, ficou maravilhado de o achar disposto a soltar todos. Se o não fez, foi porque os Commandantes dos Corpos armados forão protestar-lhe, que se opporião a essa soltura com todas as forças do seu commando; pois muito receavão já a indisposição do Povo contra taes homens, já o resultado dos planos, que estes traçavão. Existem agora em Lisboa muitas pessoas, com quem isso se póde provar; porque os factos, que refiro, forão publicos em Pernambuco, segundo de lá me informou pessoa mui fidedigna. A mesma prisão dos quarenta e dois innocentes, não foi ordenada pelo General; foi requerida pelo Ouvidor, pelos mesmos Commandantes dos Corpos e pelo Povo; disso já se tem publicado Documentos incontestaveis; eisaqui as tyrannias do *Visir Luiz do Rego*.

Fica-me para outra vez tratar das mais tyrannias, nem ficará no tinteiro o escandaloso Rodeador, de que tão injustamente se tem fallado; e de cuja catastrofe nenhuma culpa houve o General, como evidentemente provarei.

Ora aqui tem o inimigo do Systema Constitucional: os habitantes de Pernambuco disso o accusão (diz o detractor); ergo seja preso. Aonde diabo estão os principios liberaes deste *Astro?* Já vimos a differença extraordinaria, que há entre *Rego* e Stockler; porém não fallemos nisso. Sabe-se, e tem-se visto, que os Negociantes de Pernambuco, que os Corpos armados e a mór parte dos homens, havidos por verdadeiros e probos, clamárão por a conservação de *Luiz do Rego*, e o reputavão o salvador da Provincia: isto há sido publico e authentico; logo não são os habitantes da Provincia, que o accusão; mas quando fossem, uma accusação espontanea he acaso um corpo de delicto? Diz o *Astrista*, que *Luiz do Rego*, depois da chegada do Navio S. Gualter mandou devassar de quem mostrasse regosijo por a nossa Regeneração: *mentiris impudentissime*: nunca tal succedeo. Se assim tivesse sido, estarião os aleivosos inimigos do Governador até agora calados? O Redactor corresponde-se sómente com a canalha de Pernambuco; porque nenhum dos muitos homens de bem, que há naquella Provincia, lhe podia escrever estas solemnes falsidades. Tal devassa se não mandou tirar; e se não, que o digão esses mesmos injustamente declarados inimigos de *Luiz do Rego*, os Deputados em Côrtes por Pernambuco; digão-o esses mesmos, que tendo no Recife em Junta votado ser conveniente não alterar a fórma do Governo da Provincia, derão *Luiz do Rego* por indigno de a reger; e isto á face do Congresso Nacional.

Diz mais que *Luiz do Rego* he accusado de haver-se offerecido á Côrte do Rio de Janeiro para vir com armas contra os Constitucionaes: *mentiris impudentissime:* appareça o Officio, ou carta, que elle escrevesse, aonde esse offerecimento se vio; pelo contrario, advogou sempre a Causa da Nação; e se eu não quizesse poupar talvez alguns inimigos de *Luiz do Rego*, mostraria quanto o seu procedimento foi sempre puramente Liberal; sem embargo de que depois do dia 3 de Março não póde haver a menor suspeita sobre a sua adhesão á Causa da Mãi Patria. Esta accusação he pois da mesma estofa, que a antecedente; he digna de ter lugar no tenebroso *Astro*.

Vai por diante dizendo: — Accusão-o de ter mandado para a Europa quarenta e dois Cidadãos julgados innocentes por um Acordão da Supplicação. Bravo, Sr. *Astrista*, Vm. he fortissimo raciocinador! — Ora diga-me por vida sua, consta-lhe que esses quarenta e dois innocentes fossem mandados para esta Capital pelo mesmo crime, de que forão absolvidos? (se he que o forão, porque isso ainda não está claro.) Já se sabe por que razão viajárão esses quarenta e dois, e repito que outro amigo não tiverão, senão *Luiz do Rego*, a quem pagárão, como costumão.

Accusão-o, continúa o tenebroso, de levar as cousas ao extremo de obrigar os Povos a levantar-se. — Outra como as antecedentes. Em que levou elle as cousas ao extremo? Seria em receber aleivosamente um tiro de bacamarte? Vm., Sr. *Astro*, acharia esta acção virtuosa, não o duvido; e louvará o assassino, como approva a separação do Brasil da Mãi Patria, argumentando com muito boa Logica a favor dos que a pretendem. A'manhãa escreverá, que he permittido ás Ilhas adjacentes separar-se da Metropole; e estou vendo quando aconselha o mesmo aos Algarvios, porque Vm. he capaz de tudo.

Por ultimo accusão *Luiz do Rego* e o Governo interino de haver dado cabo de quanto dinheiro havia nos cofres, despendendo-o em cousas desnecessarias. — Tal e que janda. — Aposto, Senhor detractor, que Vm. louva o garrote, que o governicho de Goyana deó a todo o dinheiro, a que pôde deitar a unha, sem escapar o dos miseraveis orfãos? Aposto mais, que acha liberalissimas as contribuições violentas lançadas sobre os Europeos? Aposto tambem, que reputa actos de Constitucional beneficencia as perseguições, que estes miseraveis experimentárão, as prisões, que soffrêrão em calabouços, o incendio de suas casas, a destruição das suas fazendas, etc., etc.? Oh isso sim, que foi governo Liberal!! Mas a Junta Governativa, que durante uns poucos de dias pagou a dois Batalhões de Milicias, isto he, a Soldados e Officiaes inferiores, como se fossem Tropas de Linha, e a alguns Marinheiros, que defendêrão a Capital contra os Cossacos, que a vinhão saquear, e que de certo a arrazarião; esse governo foi um bando de salteadores. Eisaqui os gastos desnecessarios, em que a Junta se metteo, afóra os indispensaveis em algumas obras de fortificação. Torno a dizer, que força de raciocinio!

Não falla o detractor (oh! isso seria contra os seus bons principios) da resolução, que *Luiz do Rego* tomou, muito antes que houvesse Junta, de suspender a consignação de trinta contos mensaes para o Rio de Janeiro; não diz que essa quantia a mandou applicar para pagamento dos particulares, e para o desses santinhos, que da Bahia forão fazer milagres a Pernambuco. Não falla do soccorro, que a todos elles deo contra a opinião do Conselho, offerecendo-se a pagar ao Erario as sommas, que se dessem

a esses homens, no caso de a medida ser desapprovada. . . . mas não he aqui o lugar de estas cousas se enumerarem.

Conclue e detractor do mesmo modo que principiou, isto he, disparatando: O Congresso mandou prender Stockler, contra quem havia não só accusações, mas tambem um corpo de delicto; logo devia *Luiz do Rego* ser preso, pois contra elle havia só accusações vagas de crimes improvaveis, havendo tambem a seu favor a voz publica de todos os habitantes honrados do Recife. *Optime!*

Em Pernambuco sabe-se, que havia e há um espirito destruidor, um odio implacavel entre Brasileiros e Europeos: os primeiros declararão-se contra *Luiz do Rego* (que cousa mais natural?); quizerão assassinal-o; logo *Luiz do Rego* deve ser preso e todos os seus adherentes. *Optime!*

Os Goyanistas, Cabistas e Limoeiristas, etc., seduzidos por uns poucos de furiosos, atacárão a Capital á mão armada: *Luiz do Rego* a defendeo corajoso e prudente, poupando, quanto foi possivel, o sangue aos levantados; logo *Luiz do Rego* deve ser preso com todos os que nestas jornadas o ajudárão, e com quantos se lhe mostrárão affeiçoados, por conhecerem seu merecimento e virtudes. *Optime!*

Eisaqui a recompensa, que o *Astro* desejava dar a um General Cidadão, celebre por seu patriotismo, conhecido entre nós e entre os estranhos por habil e valeroso Capitão (de que deo na guerra tantos exemplos admiraveis), por generoso e fiel amigo, e por um Portuguez verdadeiramente Constitucional.

Se o Augusto Congresso da Nação obrasse segundo os principios do detractor, em lugar do amor e respeito, que tem grangeado de todos os Cidadãos, grangearia o odio e execração publica. Porém esta fique toda para o *Astro*, já que tão pessimas doutrinas derrama; já que em lugar de inspirar a confiança, que tanto merece o Congresso Nacional, trata pelo contrario de derramar a desconfiança entre todos os Portuguezes, e prega aos Americanos, que se podem separar da Mãi Patria, como se o Brasil estivesse em estado de Colonia, ou fosse reputado Conquista nossa, e não uma parte da grande Monarquia Portugueza.

Aristodemo.

N. 3.

Humilde réplica á resposta, que no Astro N. 341 *vem inserta em refutação ás reflexões de* Aristodemo.

O Redactor nesta resposta parece ter passado silencioso sobre o ponto principal da questão, isto he, a prisão de *Luiz do Rego*, que elle requeria, como procurador de certos Pernambucanos. Tinha argumentado fortemente em o seu N. 325 com a supposta paridade de circumstancias entre *Rego* e Stockler, e concluido, que pois este se achava preso, aquelle o devia ser.

Um pobre *Aristodemo* fez vêr ao *Astro* e ao publico a falsidade de taes raciocinios, e a differença, que há das circumstancias de *Luiz do Rego* ás de Stockler: a isto chama o *Astro* uma longa diatribe; mas não teve tempo de combater aquelles argumentos; e gasta duas gordas paginas e meia a dizer, que não inveja a gloria de *Luiz do Rego*, e que não mentio. Instrue depois proveitosamente o Publico, explicando o que he mentira, e o faz como bom conhecedor da materia.

Seguiremos brevemente, e artigo por artigo, todos os da refutação. — Diz o *Astro* que não póde invejar a gloria de *Luiz do Rego*, porque não he Militar: confunde com a nobre emulação, que caracteriza os genios grandes, um furor, que não póde soffrer o bem alheio, como diz la Rochefoucauld; mas não he estranho que o Redactor negue ser possuido de inveja; na frase do mesmo Filosofo, he ella uma paixão vergonhosa e timida, que ninguem ousa confessar.

De nobre emulação dizem que era possuido Alexandre, que invejava a gloria de Achilles, Cesar a de Alexandre, Rafael foi emulo de Miguel Anjo, etc.: não he desta inveja, que ao Redactor se attribuem os sentimentos; mas sim daquella, que envenena o merito, que não póde possuir, que deprime o que lhe não he dado superar. A emulação louva o objecto, que pretende igualar, ou exceder; a baixa inveja o abate e anniquila: esta infelizmente não tem os estreitos limites, que o *Astro* lhe assignala.

Diz o Redactor, que *Aristodemo* o quiz deslumbrar com os pomposos nomes de grande General e gloria militar; mas aonde fallou elle em grande General? *Aristodemo* chamou a *Luiz do Rego* General Cidadão, celebre por seu patriotismo: negará isto o modesto Redactor? Negará; mas que importa, se Potugal o confessa?

Há poucos annos um judicioso Escriptor publico, fazendo o elogio do desgraçado Gomes Freire, juridicamente assassinado pelos Ministros do Despotismo, mencionou a bravura daquelle Militar no assalto de Ismailow, sobre cujas muralhas plantou elle a aguia Russiana em 1790; e justamente lançou em rosto aos nefandos monstros, que o levárão ao supplicio, o duro esquecimento desta acção brilhante, que a Gomes Freire déra um nome illustre.

Não fez *Aristodemo* outra cousa mais, do que indignar-se contra o *Astro*, que acriminava o Congresso, por este não mandar prender *Luiz do Rego* sem processo, nem corpo de delicto; a *Luiz do Rego*, que tantos serviços tem feito á sua Patria, e tão grande nome adquirido entre Nacionaes e Estrangeiros. — Eisaqui, repito, a recompensa, que este amante da Patria desejava dar a um seu compatriota illustre.

Illustre: não fallemos relativamente aos serviços, que fez na sua Provincia em o tempo da Restauração de Portugal, que mui distinctos forão; vem á memoria outros mais notaveis: Bussaco, Badajoz, Ciudad Rodrigo, Salamanca, Victoria, S. Sebastião, Nive, etc. A respeito de S. Sebastião cumpre advertir ao Sr. *Astro*, que descoradas algumas das nossas Legiões, e desistindo do ataque da brecha á força de um fogo terrivel, caídas em terra as bandeiras por a morte dos que as levavão, *Luiz do Rego*, conhecendo, que da perda daquelle instante se seguirião desgraçados inconvenientes, levantou ambos os estandartes de um dos regimentos, que commandava, e os foi denodado appresentar na brecha, que era um volcão incendiado, chamando a elles com a voz e com o exemplo as Tropas, até então vacillantes. O certo he, que elle foi o primeiro, que se assenhoreou da Praça, o primeiro, que poz os pés dentro della, disputando-lha o inimigo palmo a palmo ainda por mais de duas horas depois de haver perdido os muros.

Isto na verdade não seria feito de outra fórma por Pachecos, Mascarenhas, Castros e Ataides.

A gloria de um Brigadeiro tal, Sr. *Astro*, he invejavel. Ah! se unicamente os Cesares, os Annibaes, os Albuquerques, os Virgilios, os Rafaeis,

os Voltaires, os d'Alemberts, etc. fossem sujeitos aos tiros venenosos da inveja, seria o mundo um Ceo! Desgraçadamente não he assim.

Perguntar o *Astro*, que motivo póde haver para elle ser invejoso de *Luiz do Rego*, he o cumulo do desatino. Por ventura não vemos nós frequentemente a causa mais insignificante, o resentimento pueril, que mór desprezo merece, ser guardado no fundo do coração á espera do momento da vingança, que quanto mais demorada, mais violenta se toma?

Diz o Redactor, que não he venal, e que *Aristodemo* lho chama, julgando-o por si mesmo. Destas nodoas não cáem de certo em nossos pobres vestidos; mas não he este o lugar de tratar de tal assumpto. Não he *Aristodemo*, que estes alleives assaca ao Redactor; muita gente lhe tem chamado venal, e em diversos escriptos, que hão corrido por esse mundo; não he pois estranho, que se repita a voz publica não contrariada, principalmente attendendo-se á raiva, que o *Astro* sem motivo, que plausivel seja, affecta contra *Luiz do Rego*.

Escandaliza-se de que o taxem de falto de verdade, mas sem razão: diz que o Povo de Pernambuco accusa *Luiz do Rego* de anti-Constitucional, o que he falso; por quanto os habitantes mais probos de Pernambuco disserão e escrevêrão o contrario por diversas vezes a ElRei e ao Augusto Congresso da Nação; e lá mesmo derão todas as provas de não terem os sentimentos, de que o Redactor os suppoem possuidos. Quem criminou *Luiz do Rego*, forão uns poucos de homens, chefes de partido, ou seus sequazes, que já o tinhão sido em 1817: o *Astro* sabe isto perfeitamente, porque ha sido de toda a publicidade; logo disse o contrario do que sabia; logo faltou á verdade; nem se deve dar por offendido de que lho digamos.

Diz mais, que *Luiz do Rego* era accusado de ter mandado tirar uma devassa contra os que mostrassem regosijo por a nova ordem de cousas em Portugal, e funda-se em uma certidão do Escrivão *Tavares* (boa joia !!), a qual transcreve; mas a certidão não diz isso; logo ou não entendeo, ou mentio. As palavras são terminantes: mandou o Governador proceder a uma devassa em cada uma das Villas da Comarca = *sobre os effeitos, que tinhão causado nos animos dos povos as noticias vindas ultimamente de Portugal pelo Navio* S. Gualter. = Será isto mandar devassar contra os que tivessem mostrado regosijo pela nova ordem de cousas, ou querer saber pará que parte se inclinava a opinião publica? Quem será que interprete as palavras do escriba tão violentamente, como o *Astro*, a não ser algum, como elle, jurado inimigo de *Luiz do Rego*? Não se acabou de proceder á devassa, diz o *menino Tavares*, apezar da Portaria — isto he obra de sua casa — por quanto he certo, que o Governador a não mandou proseguir em razão de o não precisar; se mandasse, havia de ser obedecido.

Em quanto ao Edital, que diz haver-se affixado na Praça, póde ser que o *Astro* vá nisto de melhor fé, do que nas outras accusações; e como este he o ultimo pelouro, que atira a *Luiz do Rego*, he justo que lhe digamos: =

As noticias da Restauração do Porto chegárão confusas a Pernambuco pelo Paquete Chesterfield: nem um impresso se vio, nem o nome de nenhum dos Restauradores; as proclamações manuscriptas forão cheias de erros e de absurdos taes, que tornavão em muitos lugares o sentido imperceptivel; de sorte que apenas se soube, que em Portugal havia revolução. Em tal caso era preciso acautelar as propriedades de muitos

cidadãos, e o Governo julgou dever cooperar para isso; e esta cooperação não foi obra do Governador só de per si, mas decidida com os Ministros e alguns dos principaes negociantes. Não se obrigou navio algum a ficar no Porto, deixou-se sair todo o que pretextasse fazer escala por Lisboa, a fim de não soffrer os inconvenientes de um bloqueio neste Porto, noticia esta, que lá andava muito em voga. Não se tirárão os lemes aos navios, como dizem que se fez na Bahia e Rio de Janeiro; antes da chegada da ordem do Ministerio se desimpedírão absolutamente, isto he, assim que se soube o que verdadeiramente havia em Portugal. Talvez o *Astro* não soubesse isto; pois se o quizer contradizer, acha de certo o *Tavares* prompto para passar uma certidão, que póde interpretar a seu sabor e talante.

A citação, que traz o *Astro*, de uma passagem do Correio Brasiliense, querendo mostrar qual o juizo do Redactor daquelle estimavel jornal ácerca do tratamento dos presos de Pernambuco, em nada favorece o seu argumento. He forte mania a de zangar com o sentido literal dos escriptos! O' Senhor, diga o que lá está, e deixe as interpretações para os Commentadores da Biblia.

O Correio Brasiliense diz, que não convem ao Brasil os Governadores do antigo regime, que por melhores que fossem, governavão despoticamente: pois antes delle isto escrever, o escreveo *Luiz do Rego* a ElRei e ás Côrtes Nacionaes, expondo todas quantas razões havia para elle ser removido. Isto parecer-lhe-ha estranho, e dirá: = Então porque não poz pés em polvorosa? = Ora ahi tem uma resposta franca e verdadeira: = Porque a Provincia estava desde 1817 dividida em dois partidos; o Governo, que ficasse em Pernambuco, devia ser obra de um delles, por conseguinte desagradavel ao outro, por conseguinte perigoso e sujeito a convulsões, que podião produzir guerras civis. He natural que a *Luiz do Rego* (e com razão) se tornasse a culpa, e fosse accusado de abandonar o seu Posto; por isso o não fez, e preferio pedir a sua remoção e um Governo para a Provincia, mandado fazer de ordem Superior. Este seria por isso mesmo mais respeitado e estavel, do que uma obra meramente popular, a qual o povo, que a faz, julga poder desfazer, quando muito lhe aprouver.

Este procedimento parecerá ao *Astro* mui reprehensivel: que importa?

Em quanto ao mais, de que trata a resposta, que temos examinado como podemos, nada achamos digno de mencionar-se, nem he do nosso proposito mostrar agora quaes opiniões perigosas tem derramado em seus escriptos o Sr. Redactor. Notamos só uma cousa em ultimo lugar.

O *Astro* sabe, que, ainda que fóra de tempo, o que nós confessamos, ha quem no Brasil esteja embaido com as ideias de independencia, e fomente partidos para ella: que destes podem nascer consequencias tão funestas, como os de Buenos Ayres, ninguem o duvida; que he preciso atalhar o mal na sua origem, o *Astro* o confessa; que sem força se não póde fazer, he innegavel: lá não a ha, e o *Astro* não quer que se mande.... Será isto amor da humanidade? Não, que os Soldados Portuguezes não vão ser os de Pizarro, nem de Cortez, vão evitar a anarquia, sem disparar um tiro. He certo que o Brasil não tem os elementos necessarios para conseguir e conservar a independencia da Metropole; e será isto razão sufficiente para que um partido de furiosos deixe de fazer a tentativa? Fez-se em Pernambuco em 1817: foi loucura, he verdade; mas que fataes

consequencias teve aquella loucura? Dizem que a dureza dos Governadores, dos Verres, produzia tada a indisposição: ah não! Caetano Pinto de Miranda Montenegro tinha mais humanidade que Flaminino; o seu Governo no meio do despotismo foi sempre brando e liberal, durante nove annos, no fim dos quaes o embarcárão ás costas de um negro meio nú, escoltado por dois mulatos facinorosos, cada um com seu bacamarte engatilhado e apontado de bem perto á cabeça do Governador. Haverá quem estes successos ignore? Mas.... não he justo que se chame a este escripto uma longa diatribe.

Nem a *Aristodemo* cumpre adiantar mais nada, pois lhe consta que o General *Luiz do Rego* trata de mostrar com a maior clareza quanto são injustas e alleivosas as imputações, que lhe hão feito seus inimigos; posto que no conceito dos bons esteja elle já bastantemente petrificado.

Aristodemo.

N. 4.

Memoria dirigida ao Soberano Congresso das Côrtes pelos Passageiros vindos de Pernambuco a bordo do Navio Constituição.

Senhor

Os Cidadãos, abaixo assignados, moradores em Pernambuco, e ahi estabelecidos, Commerciantes e Proprietarios, abandonárão seus domicilios, seu commercio, seus bens e familias, para buscarem o Sanctuario da Justiça, o Soberano Congresso Nacional, Representante e protector de todos os Cidadãos, e expor-lhe a extensão de suas desgraças, que originão causas conhecidas pelos mesmos Pais da Patria. Um relatorio sincero, aonde só brilhe a verdade, despojada de apparatosos ornatos, vão levar á alta consideração do Soberano Congresso estes, que se julgão seguros debaixo de Leis sabias e justas. Os males, que soffre uma Provincia, pela sua situação geografica e producções olhada como a mais deliciosa do Brasil, partem de um partido, que exaltando-se na desgraçada epocha de 1817, foi progressivamente augmentando; e elle se vigorou com as ideias de vingança, logo que aos máos se tornou possivel o darem pasto aos seus corações colericos Os parentes e amigos daquelles, que soffrêrão uma punição, não correspondente aos crimes commettidos, e que na alma compassiva do Monarcha achárão graça e indulto, traçárão desde logo projectos sanguinosos, consultando só o veneno, que lhes ralava as entranhas. Os Europeos, promptos em perdoar injurias, esquecêrão o seu estado de servidão durante 74 dias, entretendo relações com os seus offensores por uma necessidade social. Em quanto uma força Militar policiava a Provincia, em quanto parte dos Traidores purgavão em prisões os seus delictos, parecia suffocado o espirito da discordia. Causas por nós desconhecidas, e que nos não cumpre analysar, pozerão em liberdade os Réos de alta traição. Pernambuco, proximo a gozar das vantagens de uma Constituição, que lhe prepara a Mãi Patria, parecia tranquillizado em 3 de Março passado: o voto de seus Habitantes tinha sido manifestado em pleno ajuntamento, e excepto meia duzia de facciosos, que antolhavão o momento de exercerem vinganças particulares, todos os mais respiravão contentamento.

A entrada franca dos malvados (seja-nos licito appellidar assim homens, que em papeis publicos chegárão ao arrojo de escrever : *acabe para sempre a Tyrannia Real*), a entrada franca dos malvados perturbou a paz, que reinava na Capital. O General, esse mesmo General, que se empenhou com o Monarcha para esquecer os crimes de uma rebellião espantosa, tornou-se então o objecto de odio, quanto o devia ser da gratidão. Elles não encontravão na sua mente extasiada um pretexto mais plausivel para dar movimento ao seu espirito agitado; e depois de calumnias injuriosas, depois de conhecerem que o Povo não se abalançava com ellas a um rompimento terrivel, recorrêrão ao tyranno projecto de assassinio; porém, mallogrado o intento, conhecêrão que a Providencia guardava os dias de um Militar aguerrido, que elles encaravão como oppositor aos seus planos, e capaz de esmagar a Hydra da Anarquia. Um punhado de facciosos entrou com mão armada em Goiana, levantou a voz, estabeleceo um Governo, e sobre protestos quimericos quiz justificar a sua legitimidade; e então a *Junta Constitucional Governativa*, que a esse tempo se creava por instancias do General, recorreo a tudo quanto era moderação e brandura; consentindo até que esses seductores exercessem o seu poder arbitrario sobre aquelles Povos, que, movidos pelo temor, lhes quizessem prestar obediencia, mas forão insensiveis ao écho da razão, e continuando a illudir Povos mansos e pacificos, porém credulos pela sua ignorancia, ameaçárão a Capital com a invasão, se ella não fizesse embarcar o General *in continenti* com o Batalhão do Algarve. Esta proposição, filha do delirio, deixa conhecer perfeitamente, que os seus intentos guardavão venalidade. O General não era por então um oppressor, e o Batalhão do Algarve póde servir de modelo aos Corpos da melhor disciplina e moral. As suas loucas propostas forão (como merecião) recusadas, e elles se adiantárão para accommetter o Recife. A deserção, quasi no todo do primeiro e segundo Batalhão de Caçadores, de proposito suscitada por dois indignos e seductores Officiaes, que fascinára o intruso Governo de Goiana com o augmento de Soldo e Patentes, ainda lhes fez conceber maior audacia. Com mais de 4 mil homens atacárão por duas vezes as linhas de Olinda, defendidas pelo terceiro e fiel Batalhão de Caçadores, uma Companhia do segundo Batalhão do Algarve, e 100 homens do segundo de Milicias; mas forão repellidos, até que depois de novos e infructiferos ataques annuírão a uma paz, que antes se lhe havia franqueado, retirando-se a governar Povos, que involuntariamente tiverão parte no seu crime. O Sul da Provincia, que tambem havia cedido aos Emissarios Goianistas, e atacado ao mesmo tempo o posto dos Afogados, servindo-lhe de apoio Negros, Mulatos e Brancos (differentes em côres, mas identicos em sentimentos), que havião abandonado as suas habitações da Praça, para se entregarem ao crime; reconheceo o seu erro, illustrado por homens amantes da ordem, e declarou-se contra os seus oppressores. Esta briosa porção da Provincia esmagaria os auctores da guerra civil, se por algum tempo fosse retardado o Decreto do Soberano Congresso, donde emanou a Carta Regia, que positivamente ordenava a installação de uma Junta Provisoria e embarque do General. A Junta que por então governava a Provincia fez logo conhecer ao Sul e Norte, que cumpria effeituar-se a reunião dos Eleitores de Paroquia, e dar plena execução ás Ordens Regias. Os habitantes do Sul, magoados e temendo vinganças futuras, voltárão a seus lares, e em pouco forão atacadas suas habitações e saqueados seus bens, levantando os Aggressores vivas

aos Chefes da revolta. A consternação generalizou-se na Praça : os Militares da primeira Linha, que tão briosamente havião concorrido para a sua defeza, considerárão-se desde logo ultrajados por soldados e inferiores, que, afastando-se do caminho da honra, forão pelo Governo de Goiana promovidos a Officiaes : os da segunda Linha, que perdêrão dias e noites cooperando militarmente para a defeza geral, abandonando as suas occupações, olhárão como chegado o termo da sua existencia ; e os Negociantes e outros Proprietarios, não ligados a obrigações Militares, porém odiados igualmente, por detestarem facções, julgárão tambem arriscadas suas propriedades e vidas. Em fim, Senhor, a dôr via-se pintada em todos os rostos, e os olhos, arrazados d'agoa, mostravão pelo macerado, que se não gozava repouso. Os abaixo assignados (tornamos a repetir) largárão as suas familias e bens, e atravessando parte do grande Oceano, buscão aquelle sabio Congresso, que tem promettido á Nação igualdade, premio á virtude e punição ao crime : elles não são os unicos, que temêrão pela sua segurança : elles guardão em seu poder documento legal, comprovando, que 793 Passaportes havia concedido a Junta Governativa, depois que se declarou a mudança do Governo ; cujos Passaportes, por um calculo aproximado, devião retirar mais de 1:400 pessoas (attendendo a familias), e póde-se julgar, não faltando á verdade, que centenares de habitantes largárão os seus domicilios, sem mendigar (como nós) a concessão da Junta. Não se entenda, que os abaixo assignados se deixárão dominar de terror panico : factos claros e de facil comprehensão motivárão seus receios.

O Governo creado em Goiana era composto, em parte, daquelles, que em 1817 ultrajárão o Monarcha, calcárão aos pés a insignia respeitavel da Nação, e commettêrão toda a qualidade de excessos ; e os que ião votar para a creação do novo, são igualmente, ou figurões daquelle desgraçado tempo, ou em grande numero seus acerrimos seguidores. Mesmo na Capital appareceo um destes, que arrogou a si o direito de proclamar aos Povos Europeos, considerando innocentes e moderados os procedimentos subtís de 1817, e affiançando-se-lhe um Governo, que ainda não existia, e que por isso a sua probidade lhe devia ser desconhecida. Este foi justamente, segundo nos constou em alto mar, nomeado em 26 de Outubro Presidente do Governo, que ElRei mandára crear. Este he, Senhor, um homem, que, durante a sua prisão na Bahia, e mesmo depois do seu regresso a Pernambuco, ostentou uma mudez affectada, e he finalmente um homem dissimulado e vingativo : vicios que partem do coração, são vicios incorrigiveis, e que não soffrem mudança. O Soberano Congresso ha de por certo lançar vistas providentes sobre uma Provincia central do Brasil, que se tem declarado foco de rebelliões. Os Europeos, que alli residem, e os Naturaes do Paiz honrados, se julgão dignos da protecção do Congresso : elles odêão os despotismos ; elles jurárão solemnemente em 3 de Maio a Constituição desejada ; elles finalmente vôão em parte ao recto Tribunal da Justiça, que lhes promette apoio e segurança. O Soberano Congresso póde rapidamente remediar seus males : elle he sabio, franco e sincero, e só tem a temer aquelles, que desde o berço estudárão a arte de seduzir e enganar. Se a malevolencia tentar accusar-nos de anti-constitucionaes e seguidores do despotismo, será facilmente aterrada. Não affectos ao General *Rego*, e sem relações d'amisade com elle, defendemos um Governo Constitucional, que o Soberano Congresso por Decreto de 18 de Abril nos fez considerar legitimo, Defendemos pois a Capital, que os

mandões de Goiana promettêrão ao seu intitulado Exercito entregar a saque: defendemos as nossas vidas (quando as expunhamos ao perigo): defendemos o Direito da Nação e do Rei. Os abaixo assignados sentem roubar o precioso tempo a um Congresso occupado em firmar a ventura dos Povos; mas julgão indispensavel dar o esboço do lamentavel estado da Provincia, que sendo a mais bella do Brasil, he povoada por differentes castas, que todas internamente aborrecem os Europeos, persuadindo-se e publicando, que se devem reputar estrangeiros, occupando injustamente um Paiz, que elles tentão revindicar á custa de traições e enganos.

Felizes seriamos, se de entre nós saísse um genio raro, que com energia descrevesse ao vivo a situação da Provincia, e o imminente perigo, que ameaça os Portuguezes honrados, que ora a habitão.

Deos guarde e felicite os Pais da Patria, para jubilo e satisfação dos probos Cidadãos de um e outro Hemisferio. A bordo da Galera *Constituição*, ancorada no Rio Tejo aos 7 de Dezembro de 1821.

José Ferreira Duarte. Francisco Barbosa de Brito. José Vaz de Oliveira. Caetano José de Sequeira. Antonio Francisco Cabral. Manoel Teixeira Coimbra. João Bernardo dos Reis Mota. Antonio Ignacio da Rosa. José Giraldes Soares Lobo. João Duarte de Faria. Antonio João Feio. Antonio Francisco de Paula. Eusebio Joaquim da Silva. José Antonio de Sequeira. Caetano José Dutra. Antonio José de Sá Araujo. Manoel Affonso Fraga. José Matthias Monteiro. Francisco Xavier Silva. Francisco Nunes Rocha. José Antonio Martins Silva. Antonio Joaquim Gaspar. Manoel Antonio de Jesus. Antonio José de Araujo Marques. José Francisco de Azevedo Lisboa. José Francisco da Costa. Francisco José Baptista. José Fernandes da Silva. Antonio José Alves Nobre.

N. 5.

GAZETA UNIVERSAL N. 38.

Lisboa 15 de Fevereiro.

Os excessos commettidos pela canalha de Pernambuco contra os seus habitantes honrados não só Europeos, mas até mesmo contra os naturaes daquelle Paiz, enchem todas as cartas, que dalli ultimamente tem vindo, e só algum dos traidores, que maquinão (de balde) uma quimerica independencia e desunião da Mãi Patria, podem pintar com diversas, mas falsas côres o estado daquella Provincia, pelo menos até os principios de Dezembro. Os Portuguezes Europeos sobre tudo estão expostos aos attentados e insultos de uma gentalha desenfreada, e he bem de recear não possa alli o Governo (que está longe de ser, qual se deve desejar, e mui illegitimamente instaurado) conter taes desaforos, apezar das medidas, que tomar para esse effeito, sem uma Força de Tropa do Reino, e não sei se bastará a que alli conduzio a expedição. Todas as cartas e relações de pessoas vindas daquella Provincia concordão em mostrar a feia face da má disposição da gente daquelle Paiz contra os Portuguezes da Europa. Desgraçadamente ainda entre nós há quem queira appresentar mui diverso este triste e mui veridico quadro. Oxalá não chegue o momento de a Nação pedir contas a quem pretende illudil-a á cinte, ou por uma fatal e voluntaria cegueira

a este e a alguns outros respeitos. Extractamos aqui varios dos muitos factos acontecidos em Pernambuco, depois que saio o Batalhão do Algarve e o Governador *Luiz do Rego* (com grave damno para aquella Provincia), os quaes refere, alem de outras muitas, uma carta, escripta em fórma de Diario de 1 a 5 de Dezembro:

« *Pernambuco 1.º de Dezembro.* Em que triste estado se acha esta povoação! Não se vê na rua, senão negros e mulatos, todos ufanos, dando-se mutuamente os parabens, por ter embarcado (hoje pelas 2 horas da manhãa) o Batalhão do Algarve; por não estarem as embarcações arranjadas, estão summamente incommodados a bordo os soldados, mulheres e filhos. Achão-se no Lameirão 24 embarcações, todas com gente emigrada com medo, causado sobre tudo pelo successo de 29 do passado. Quando nesse dia se tocou a rebate na Boavista sem ordem alguma do Governo (por cujo desaforo se não castigou ainda o Official da Guarda, nem pessoa alguma), juntárão-se armados todos os mulatos daquelle bairro, e appareceo á frente delles Manoel Paes de Carvalho de Andrade (um dos principaes revolucionarios de 1817, segundo he aqui opinião geral, apezar de não o ter caracterizado a devassa como tal), e dois Governadores de Goiana (que dignos Governadores!), o Rabula Paula e José Victoriano de Borba Delgado. Alli forão assassinados a sangue frio (como presenciou e me contou o Dr. José Joaquim de Carvalho) dois Algarves, pedindo um com as mãos postas, que o não matassem; mas debalde implorava os tigres. Um destes Algarves foi para o Hospital, onde ainda vive, mas sem esperanças, e muito mais, quando alli se não conhece a piedade, e se faz todo o possivel por deixar morrer todo o *Marinheiro* (nome, que dão aos Europeos), que alli entra, não por culpa dos Facultativos, mas dos Enfermeiros. — No Afogado tambem no dia 29 se armou a *cabralhada*, sendo seu cabeça um genro de Antonio Rebello e Felix de Mello, famoso bebado, tomando logo na casinha da polvora 2 barrís. — O Paiva das 5 pontas morreo no dia 30 do passado, e por judiaria lhe puzerão ao pescoço uma carta, para levar ao Guerreiro, que morreo de feridas, que recebeo no ataque primeiro do Afogado de 21 de Setembro. — No mesmo dia 30 desarmárão o Mascate Amaro Rodrigues Pereira na Rua do Rangel, deitando-lhe abaixo o nariz, e isto de tarde; não fazem o mesmo a quantos Europeos aqui residem, porque estão mettidos em casa.

2 *de Dezembro.* Continúa a mesma tristeza, menos entre os mulatos e negros; dizendo esta canalha brava = *branco nan podi comnossco, tem medo di nós.* — Os bons dias, que hoje me derão, foi a noticia de ter apparecido em Santo Antonio um Caixeiro de Venda (Loja) morto ás facadas. Chega a tanto o desaforo dos Cabras, que hoje um (Tambor da Artilharia) deo quatro pauladas em um marujo, que ía mui socegado vendendo cebolas, na esquina da Rua do Crespo, ás 11 horas do dia; o marujo não abrio bico, seguio seu caminho, e o mulato foi dizendo — *hei de dar em quantos encontrar.* — A noite passada puzerão luminarias algumas casas, mas poucas, por ter saido o Batalhão. Entoárão *mementos* e encommendações de defuntos á porta de algumas mulheres, que vivião com Algarves, e fizerão outras muitas patifarias os bandos de matulla.

3 *de Dezembro.* Publicou-se hoje uma Proclamação do Governo, houve esta noite muitas rondas, e tem-se tomado medidas de Policia, mas como o Governo se não póde servir de gente capaz de evitar o progresso do mal, continuárão os insultos. Juntou-se esta noite uma chusma de 300

a 400 pessoas, mulatos, negros e brancos, abjectos e degenerados, e com uma musica infernal de chocalhos, matracas e outros que taes instrumentos, corrêrão toda esta Villa do Recife; gritando = fóra *Puças* (nome de injuria á gente de Portugal), fóra Carcundas, morrão os *Puças* =, e de vez em quando = Viva a nossa Liberdade. — Servia de guarda avançada a este patife exercito uma corja de melequetes pequenos, que corrião á pedra as pessoas, que encontravão, fazendo uma algazarra e infernèira insupportaveis ás portas de algumas pessoas, não só da Europa, mas até do Paiz, que não seguião o partido dos de Goiana; batião nas portas, arrancárão uma cerca inteira de um viveiro de um Europeo, por nome José Manoel, nas Cinco Pontas; insultárão a pobre viuva do Paiva, por elles assassinado; atacárão um pardo, chamado Manoel do Carmo, só porque se mostra amigo dos Europeos, estando sua mulher de parto, e se acha em perigo de morte, pela bulha, que lhe fizerão á porta; arrancárão rotulas, arrombárão portas, obrigando isto a gente a gritar = *Aqui d'ElRei* =; mas que Rei lhe havia de acudir, se quem domina agora he aquella canalha!

Esta manhãa pelas 8 horas entrou a guarnição de Olinda, outr'ora exercito de Goiana; he de 142 soldados, 10 a 15 Officiaes inferiores e 30 Officiaes. Tiverão muitos vivas da canalha: o Governo os esperou no Palacio, onde se derão vivas ás Côrtes, a ElRei, ao Governo, aos habitantes do Recife e á *união dos Europeos*; união, que mais parece feita com a Costa d'Africa, do que com Portugal, ou com os Europeos; porque para entrar aqui este bando de Cafres, que nem um só branco soldado marchou, e dos Officiaes muito poucos, foi preciso pôr-se no Lameirão quasi á baioneta calada o Batalhão N. 2 de Portugal, composto de 600 homens brancos; e he assim que se grita viva a união!!! Mas que se póde esperar, quando a canalha he quem domina? Não sei onde irá parar esta influencia de negros e mulatos; pois que, quanto aos filhos do Paiz, se ha muitos inimigos dos Europeos, tambem ha outros muitos, que he gente honrada e de sentimentos de amisade aos Europeos. Deos queira chegue em breve o Governador das Armas com 3, ou ao menos 2 Batalhões do Reino, para pôr termo a estes desaforos. Os Corpos de Milicias 1.°, 2.°, 3.° e 4.° estão insubordinados, e até medrosos pelos successos occorridos, sobre tudo o 1.° e 2.°, pela maior parte composto de Europeos.

Idem 4 e 5. (Continúa a Carta a referir novos insultos e crimes, feitos nestes dias aos Europeos pela corja dos cabras e negros. Denunciárão ao Governo estarem Marinheiros armados na Ilha da Nogueira; forão lá 30 Caçadores, e nada achárão. Geralmente dão a conhecer, que não querem lá Tropa de Portugal; mas o Governo saberá obrar com a energia necessaria, alias dará motivo a maiores desgraças, talvez irremediaveis.)

Bando a bem do socego publico.

Tem sido publicos e escandalosos os frivolos comportamentos pueris e até insultantes da paz e harmonia social, com que algumas pessoas, a titulo de brincadeira, tem excedido os limites da boa ordem, ajuntando-se em bandos, e indo bater ás portas de pessoas, de quem são menos affectas, com cantorias e expressões allusivas, alias offensivas: e porque de taes procedimentos só se seguem desordens, malevolencias e perpetuidade d'antigas rivalidades, semeadas e propagadas por individuos, que já não existem na Provincia: são renovadas todas as ordens relativas

a não haver ajuntamentos pelas ruas, e dos que houver em casas particulares, ficaráõ responsaveis seus donos, se nos mesmos ajuntamentos houver a menor sombra de satyras allusivas; ficando certos desde já, que os auctores e os de qualquer modo cooperadores de tão perigosos procedimentos, serão havidos, tratados e castigados, como perturbadores do socego publico.

Palacio da Junta Provisoria do Governo da Provincia de Pernambuco 3 de Dezembro de 1821.

Com as Assignaturas dos Membros da Junta.

Pernambuco 6 *de Dezembro.*

Amigo e Sr. Confirmo-lhe a minha ultima, e de novo tenho a dizer-lhe, que hontem chegou a este Porto a Fragata Ingleza, que esteve aqui antes de V. m. saír para essa; a dita Fragata salvou, e logo que a gentalha ouvio tiros, principiou a gritar pelas ruas: « *A's armas, ás armas, ahi está Tropa de Lisboa, e nós a não precisamos cá; e se entra, estamos perdidos.* » Julga-se, que ao seu desembarque haverá opposição. Os Europeos, como eu, logo que chegue a expedição, fogem para ella, mesmo fóra da Barra, onde se achão já bastantes Embarcações fundeadas com muita gente fugida, a qual só espera a sua chegada, para tornar a saltar em terra. A populaça, em ranchos, não cessa todas as noites de gritar pelas ruas: « *Morrão os Marinheiros* » (assim chamão aos Europeos, que não forem do nosso partido.) E qual he elle? O da independencia. Elles a fulminão com toda a força, mas gritão sempre, que querem a Constituição; porém ella he só a capa dos seus intentos; se não veja, meu Amigo, o que acaba de acontecer na Bahia, que he a protectora de tal gente. Logo que aqui se installou o Governo, o filho do Presidente, Gervasio Pires Ferreira, foi alli de Emissario; porém saírão-lhe os seus planos errados, por se acharem lá Baionetas da Europa. Remetto essa Proclamação, mas de nada faz caso a populaça, pois continúa de dia e de noite com desordens.

Sou seu Amigo, etc.

N. 6.

CORREIO DO PORTO N. 65.

NOTICIAS DO BRASIL!

Pernambuco 19 *de Janeiro de* 1822:

Meu Amigo: recebi a sua estimada carta de 2 de Novembro, e de todo o seu conteúdo fico sciente. Vou agora participar-lhe as desgraças desta infeliz terra, na qual se soltou o Diabo, depois que daqui saío o nosso General *Luiz do Rego*, de fórma que todos os Europeos tem padecido muito, e ainda estamos como captivos em Argel, pois andamos corridos continuamente, ouvindo-se só *fóra puça, mata, que he marinheiro:* tem morrido muitos de pancadas, e poucos há que as não tenhão apanhado, pois somos atacados a toda a hora do dia publicamente, sem

os malvados terem medo das Auctoridades, que tratão de resto, juntando-se os mulatos e negros em grupos, logo que he noute, com páos, facas e pedras, gritando, dando e fazendo assuada, que he uma pouca vergonha; e todo o que he de Portugal, he toureado, como me succedeo a mim no dia 29 de Dezembro, quando ía para minha casa na companhia de outros Amigos, que por milagre escapei, pois sairão uns poucos de emboscada gritando, *mata*, e nós fugimos corridos ás pedras. O Governo não lhe póde dar volta, pois boa diligencia lhe tem feito, a fim de pôr tudo em paz e socego. Os Europeos, que estavão em Goiana, chegárão agora fugidos, deixando suas casas, pois lhe entrárão por ellas dentro, roubando e dando-lhe muitas pancadas, e o mesmo tem succedido em outras Povoações. As Tropas dessa ainda não chegárão todas, senão cousa de 300 e tantos homens: eu julgo que o nosso Governador das Armas se tem arrependido de vir para similhante terra; não tenho fallado com elle, mas tenho noticia de que não está satisfeito. Para segurar esta Provincia julgo precisos 3 Batalhões e um Governo das Armas como o passado, e para as mais em proporção, e não sendo assim, digamos: *Adeos, Brasil.* Pelo que tenho dito, verá Vm. as terriveis circumstancias, em que me tenho visto, sem nada receber, pois ninguem paga.

Os negros captivos tambem andão formando seu partido contra os brancos, o que se descubrio por uma marca, que ião pondo no corpo, a fim de ficarem forros, pois ha muito quem os ajude e induza a isso. Se eu fizesse o que me dizião, estaria agora nessa Cidade, ou na minha terra, e não soffreria estes trabalhos; Deos queira pois alliviar-nos de tantos flagellos, desejando a Vm. saude perfeita.

Sou seu Amigo, Venerador e Criado.

N. 7.

GAZETA UNIVERSAL Nn. 191 e 192.

Lisboa 19 de Dezembro.

Noticias de Pernambuco.

Como tudo quanto se póde saber daquella Capitania, he agora muito interessante, copiamos aqui do Correio do Porto *uma Carta, escripta em fórma de Diario, que relata todos os acontecimentos.*

Amigo e Sr. — Mil parabens lhe dou da feliz lembrança, que teve em se retirar a tempo de inimigos, que agora de todo se desmascarárão: elles mandárão Deputados; mas não querem Constituição: elles lhe dão vivas e a ElRei; mas nada disto querem. Valem-se destes dois nomes sagrados, para attrahirem ao seu partido os Povós rudes, que os adorão; mas o golpe fatal, que lhe querem dar, está escripto em seus corações perversos.

Depois da chegada destes facciosos de 1817, que forão soltos na Bahia, escapos do merecido castigo, se unirão aos muitos, que aqui tinhão ficado, e outros muitos, que a seu partido havião aggregado; assentárão que de uma vez devião sacudir o dominio, a que chamão *jugo d'Estrangeiros*, para o que fazião Conciliabulos, chegando a ponto de atacarem de pala-

tra a qualquer Europeo, sem escolher lugar, ou occasião, tanto os brancos, como pardos, e mesmo os pretos, o que tudo se soffria com demasiada paciencia. O Vigario de Santo Antonio entrou na posse da sua Igreja debaixo de uma força tumultuaria, que andárão com elle de noute estolado pelas ruas com archotes accesos, dando-lhe mil vivas, e indo ás portas de varios sujeitos, a quem tinhão odio, os descompunhão de nomes injuriosós, atirando-lhe pedradas ás janellas; e apparecendo um Ajudante do Governo, querendo reconhecer o que era, foi tratado da mesma maneira, e se vio obrigado a fugir. Tentárão fazer uma mudança de Governo, para o fazerem a seu geito; mas o Senado, homens bons, Commandantes e Officialidade de Corpos, conhecendo a maxima dos perversos, não consente que haja mudança no que havião feito, até a deliberação das Côrtes. Determinão a morte do General, fazem um *Te Deum* em Acção de Graças pela sua soltura, e convidão o General para assistir. Elle mandou um Batalhão para solemnisar o acto, e foi. Tiverão um sem numero de Povo da sua paixão, que ninguem se entendia. Dizem que este era o dia determinado para o assassinio, o que talvez não fizerão pela Força Armada, que estava presente; e por isso poucos dias depois, a 21 de Julho, pelas 8 horas da noute lhe dão um tiro de bacamarte junto á Ponte da Boa-vista da parte do Aterro, indo elle a pé. Um dos Assassinos morreo afogado, dois corrêrão para a Rua d'Aurora, e outros dois pela Ponte para a parte de Santo Antonio; e um destes chegou aos Tambores, que ahi se retiravão com toque de recolher, e disse: *toquem a rebate, que he morto o General de um tiro de bacamarte.* Os Tambores recusão, e o não fazem; mas tudo se poz em desordem. Occulta-se o grande perigo: as Milicias correm ás armas, e se unem ao Batalhão do Algarve, e com elle entrão em detalhe de serviço, menos o 3.° e 4.°, que se negárão, e trata-se de prender todos aquelles, que se fazião suspeitos, mesmo por muitas provas, que tinhão dado sem rebuço, e se tomão medidas sobre medidas, conforme as circumstancias, que cada dia se descobrião, durante o perigo do General, pois que todas as vistas dos malvados erão só tratar da sua Independencia e da nossa total ruina; e para melhor o fazerem, antes que chegassem Tropas dessa Côrte se reunírão em Nazareth, pouco distante de Goiana, varios Srs. d'Engenhos, Officiaes e Commandantes de Milicias, sendo uma parte delles aquelles mesmos, que tinhão vindo da Bahia, e outros muitos, que tinhão sido perdoados; e em nome do General mandão juntar Milicias para uma diligencia, e depois de juntas e varios Povos d'Ordenanças, lêrão-lhe uma Proclamação a seu geito, que agradou a muitos, porém outros, desconfiados, se retirárão pela maneira que pudérão, e ficarião sós, se se não valessem de todas as astucias, que pudérão, pondo-se uns na frente, lados e retaguarda, a fim de que lhe não fugissem, e assim se põe em marcha para a Villa de Goiana, onde chegárão de madrugada no dia 29 d'Agosto, e pelas 4 para as 5 horas mandão uma Deputação ao Juiz de Fóra, que se achava alli uma Força Armada e Povo, para installarem um Governo, porque o do Recife não he Constitucional, por Ordens particulares, que havião recebido das Côrtes; o Juiz de Fóra lhe diz, que nesse caso se encaminhassem ao Recife, Cabeça da Provincia, aonde o deverião requerer. Elles instão, e o Ministro manda convocar o Senado com a pressa, que exigia o caso, e estando juntos, entra um Rabula, e diz: *Srs., observei a Força, e noto, que he de mais de 5:000 homens, e que neste caso outro remedio não ha, senão deixal-os entrar;*

(porque estavão de mãos dadas). Isto não era findo, quando chega á mesma Deputação a buscar a ultima deliberação, e que do contrario, entravão á força d'armas. Respondeo-lhe o Juiz de Fóra, que alli não havia forças, que lhe resistissem, e por tanto lhe requeria entrassem sem fazer hostilidades. Entrão finalmente com tão pequeno numero, que faz vergonha, porque apezar de todas as cautelas, tudo lhes tinha fugido, e os moradores da Villa, aterrados com a novidade, havião feito o mesmo, menos aquelles, que já o esperavão. Nomeão-se Governadores, fazem-se reconhecer como taes, e tomão o titulo de *Governo Temporario Constitucional;* depoem do Lugar o Juiz de Fóra, e o prendem e a outros Officiaes Militares, que alli se achavão empregados.

Neste mesmo dia pelas 8 horas da noite chegou aqui a noticia, estando ainda o nosso General de cama por causa das suas feridas; mas não obstante isto tomárão-se novas medidas, para maior segurança da Praça, e no dia seguinte se fez um Conselho, para regular as cousas, assistido da Camera e Povo; mas que Povo! A plebe, mãi das revoluções, que subindo de mãos dadas á casa da Camera, sem saber dizer nada, nem dar attenção ao que alguns homens bons principiárão a propôr, entrárão logo a clamar mudança de Governo, sem saber dizer outra cousa mais, que = se embarque o General e Batalhão do Algarve, que o não querem cá, porque tem muito quem governe, e Tropas, que defendão a Terra =, e com esta gritaria entrárão a saír e debandar-se pelas ruas da Villa com gritos de *Viva o Governo Provisorio*, atirando os chapeos, e se ouvírão vozes de *Morra o General*, o que deo motivo aos Officiaes da primeira e segunda Linha, que se achavão presentes, saír atraz desta confusão, e prender alguns, para cessar o motim, que eu julguei outro dia 6 de Março de 1817.

Depois de tudo socegado, assentou a Camera em que o Governo se conservasse da mesma fórma, em que se achava, visto que elle havia jurado a Constituição e obediencia ás Côrtes, e tinha 6 Conselheiros, que lhe assistião e deliberavão sobre varios negocios. Sabendo disto S. Excellencia, officiou ao mesmo Senado, em que mostrou, que convinha conservar-se assim, e que lhe fizessem alguma mudança para satisfação dos mal intencionados, e se era possivel, que elle ficasse de fóra.

Nomeárão-se mais Membros, e se deo o Titulo, que consta dos papeis juntos.

Determinou-se fazer marchar Tropas sobre Goiana com ordem positiva de não fazer hostilidades, nem atacar. Voltárão as Tropas, tendo chegado perto de Goiana, sem nada aproveitar; e do primeiro Batalhão de Caçadores, 110 homens se passarão para elles, e um Capitão Aleixo, com toda a Musica. O Tenente Coronel Cayola veio postar-se com o seu Batalhão na Cidade de Olinda, recebendo mais a Companhia de Granadeiros do Algarve, 150 Milicianos do segundo Batalhão, e 2 peças de campanha.

Mandou-se o Ouvidor de Olinda tractar com elles; prenderão-no, e não derão resposta. Foi por segunda vez o Ouvidor desta Comarca e o da nova Comarca, irmão do Dr. Monteiro, a fazerem-lhes novas proposições, ate que ficassem elles governando sem inquietar esta Praça, e que dessem parte ás Côrtes, que daqui se faria o mesmo; e que com a deliberação delles ficarião as cousas conformes; mas elles, que a nada mais aspirão, que á independencia, nenhuma convenção lhes serve senão fazerem-se senhores da força, antes que venhão outras maiores, e o terião

conseguido, se não fosse a actividade do General e Tenente Coronel Simões. Finalmente a nada cedêrão da sua opinião.

Na noite de 7 para 8 de Setembro quasi todo o segundo Batalhão de Caçadores, largando o Quartel e Armas, se passárão para elles.

No dia 12 mandárão aqui por seu Embaixador a um Pardo, Mestre de Assucar, com ordem á Junta da Real Fazenda, para não pagar mais soldo ao Batalhão do Algarve, nem outra qualquer despeza, pena de responsabilidade áquelle Governo.

O Coronel Brederode, indo com uma Commissão deste Governo, não voltou, e se unio a elles de bom grado; e se tem interceptado varias cartas, que elle tem escrevido a diversos nesta Praça, animando-os a abraçarem aquelle partido.

Os Batalhões de Pardos e Pretos se negárão ao serviço, retirando-se da Praça; uns se unírão a elles, e outros se pozerão neutros, que tem sido uma felicidade grande esta retirada, por ficarem menos inimigos dentro da Praça, que causavão maior susto, que os de fóra.

Alistárão-se e armarão-se 600 Marinheiros das Embarcações, que se achão unidos á Tropa em differentes pontos.

A maior parte dos paisanos nacionaes se tem retirado, e descaradamente fallão, que se retire o General, e leve os seus *Algarves* para a terra ficar socegada: Oh perversos, onde ireis achar Tropa mais subordinada, e mais socegada! Dizei isso a quem não conhece quaes são as vossas tenções.

O Capitão Mór de Páo de Alho e Camera, seguírão o mesmo partido; installou Governo com subordinação áquelle: o mesmo fez a Camera de Santo Antão, e o Capitão Mór fugio para o Bonito.

O Cabo e Serinhaem nomeárão Governadores na mesma conformidade. Em qualquer pé de arvore fazem tremular Bandeiras Reaes, e em algumas partes até se achava o Retrato de Sua Magestade com vélas accezas, para mostrarem aos Povos, que querem enganar e puxal-os ao seu partido, que elles trabalhão para defeza do Rei e da Constituição; mas encobrem o veneno, que querem derramar a seu tempo, e os Sacerdotes (com sentimento o digo) são os mais acerrimos partidarios.

Fizerão trincheiras no Aterro do Afogado e Ponte da Boavista, guarnecidas de competente Artilharia e Mosquetaria, e se cortou a Ponte do meio para a parte da Boa Vista, e a Cidade se acha com a mesma segurança.

No dia 20 pelas 6 horas da tarde entrou aqui um seu Enviado com ordem positiva, para que dentro de 48 horas embarcasse o Sr. *Luiz do Rego*, que foi General da Divisão, e o Batalhão do Algarve; e que dentro de 24 horas se lhe désse a resposta; e declaravão aos Milicianos perdoados do seu crime: a resposta foi pelo mesmo portador, e com muita brevidade.

No dia 21 pelas 8 da manhãa atacárão a Cidade de Olinda por tres pontos com uma força de tres mil e tantos homens; as nossas avançadas forão recuando á vista do inimigo até áquelles pontos, que lhes erão determinados, e logo que o inimigo tocou a avançar, servio de signal para os nossos, que se avançárão com uma coragem, como se fossem muito experimentados na guerra. A multidão do inimigo era muito superior á nossa força; mas nem por isso ganhou um palmo de terreno. Atacárão com grande multidão de Cavallaria pela parte do mar, fiados no

Forte de S. Francisco, que tinhão comprado; mas as Milicias, que tinhão ido render a Guarnição, examinárão as peças, que achárão com arêa nos ouvidos: o Commandante fugio, e dois Artilheiros forão victimas dos Milicianos, que remediando com a brevidade possivel tal acontecimento, em breve as puzerão em estado de poder dar fogo, e com a mesma se virão acommettidos, deixárão chegar a columna a distancia competente, e lhe tocárão fogo com tanta felicidade, que lhe fizerão uma destruição terrivel, que os fez voltar em desordem.

Em todos os mais pontos se combatia com muito valor e grande perda do inimigo; durou o combate até ás 8 da noite. Na mesma occasião pela uma hora da tarde appareceo uma columna de 200 e tantos homens no Afogado, acommettendo a Ponte, que se achava defendida por um piquete de 20 homens nossos, que se oppoz á passagem: travou-se o combate, acudio um reforço de outros 20 homens, que estava perto, em quanto ía mais Tropa e uma peça; porém quando esta chegou, já o inimigo estava em desordem, e apenas observou reforço, poz-se em desordenada fugida; deixando vinte e tantos mortos, e outros, que se escondêrão por entre os Mangues, e se não podérão colher, por se metter a noite. Retirarão-se os nossos ás trincheiras (que são junto ao viveiro, que fez D. Thomaz): da nossa parte houve dois feridos, dos quaes morreo um no dia dois do corrente.

Da Cidade se retirou o inimigo, mas os nossos ficárão em armas toda a noite.

No mesmo dia pelas 8 da noite mandou aquelle a este Governo um Officio datado n'Agua-Fria ás 2 da tarde, desculpando-se de que uma das suas columnas interpretando mal as Ordens, fizerão fogo sobre as nossas avançadas; porém que elles não erão de intenção de fazer hostilidades, e que por isso pedião houvesse de mandar-se cessar o fogo da nossa parte, que elles tambem farião o mesmo, para se tratar de composição. Este Governo lhe respondeo, que não tinha ido levar-lhe a guerra, que se defendia dentro das suas Linhas, e que lhe tinha offerecido toda a accommodação, mesmo com vantagem sua, a fim de poupar o sangue de tantas victimas innocentes; e que por tanto nada mais havia a tratar, senão que elles se retirassem, e mandassem para suas casas tantos povos, que tinhão reunido. Esta resposta não lhes agradou, e na manhãa do dia seguinte tornárão a inquietar a Cidade, sem se atreverem a avançar com forças, que já não tinhão, por lhe terem fugido a maior parte.

Tratou o nosso Palafox em Olinda de enterrar os mortos, que achou, e subírão ao numero de 200, e foi muito maior o dos feridos, e grande quantidade de prisioneiros, sendo boa parte de Caçadores: da nossa parte houve 5 mortos e alguns feridos, cousa, que pareceo milagre.

No mesmo dia se prendêrão varios sujeitos de suspeita, e se pozerão em segurança para averiguação, e muitos, verdadeiramente culpados, fugirão.

Continuárão sempre a inquietar-nos com pequenas forças, tanto pela Cruz de Almas e Santo Amaro, e muito amiudadamente pela passagem da Magdalena, porque se fizerão senhores de todos estes arrabaldes, achando nelles quem os soccorresse de muito bom grado, por muitos que de dentro os soccorrião, e outros, que forão para seus sitios, para melhor o poderem fazer.

No dia 30 chegou aqui a Fragata *D. Pedro* com 200 Soldados da Legião, e 150 Caçadores da Bahia.

No 1.º de Outubro ao meio dia fomos atacados pelos Afogados por uma força de 800 a 1:000 homens, que chegárão a avistar-se com as nossas Linhas; que lhe fizerão fogo de artilheria, e saírão logo 80 homens da Legião, e outros tantos Algarves e Milicias, que lançando-se sobre elles, os fizêrão retrogradar até á Ponte, que elles tentárão defender; encobertos com os muros das duas casas juntas á mesma Ponte, de um e outro lado, que até das janellas fazião um fogo muito vivo; até que chegando a artilharia, se lhes fizerão alguns tiros por elevação, para espantar; e o General, pondo-se á frente, mandou avançar á Ponte, debaixo de todo o fogo, e vendo o inimigo que ía a ser atacado, desamparou o posto, e se poz em uma verdadeira fugida para differentes partes, acolhendo-se aos matos. Os nossos os seguírão até o Giquiá: tomarão-lhes duas Caixas de guerra, a Secretaria, Faqueiros e Salvas de prata, roupas, cavallos, 43 cabeças de gado, muita farinha e varias outras cousas, que tudo satisfez a cubiça dos vencedores, e se recolhêrão os nossos com 6 feridos, dos quaes morreo 1, e pelas 8 para as 9 entrárão na Praça com muitos: fizerão grande mortandade ao inimigo, mas não pôde avaliar-se por ser de noite.

A' vista de tantos successos felizes, determinou este Governo mandar uma mensagem aos taes governantes, para o que foi destinado Bento José da Costa, e Gervasio Pires, para lhes mostrar que elles nenhumas vantagens podião tirar das nossas forças, e que por tanto se deixassem de acarretar mais victimas ao sacrificio. Partírão os dois mensageiros, e chegando ao Baradeiro ás 6 para 7 da manhãa com uma porção de 30 a 40 negros para muda das Tipoias, em que ambos ião; as Sentinellas perdidas lhes gritárão, que fizessem alto, ao que elles não attendêrão, ou por ignorancia, ou pelo que fosse; o certo he que a Sentinella fez signal, e da trincheira, que já vião aquella multidão (em que tambem ião alguns a cavallo), largárão-lhe um tiro de peça, a que escapárão milagrosamente, ficando um negro com uma perna quebrada, e outro ferido, e todos voltárão sem mais olhar para traz, sendo este o fructo da sua mensagem. Porém no dia 4 do corrente voltou o Gervasio e Luiz Francisco Susana (porque todos elles se entendem), para fazer a referida representação ao Quartel General dos taes governilhas, que a este tempo se achava em Beberibe. A' saída desta Deputação entrou outra por elles; sendo composta do Commandante do Batalhão da Paraiba, o Juiz de Fóra da mesma, e um Padre Amaro, que veio solto da Bahia (na Paraiba logo fallarei), que todos vinhão a fazer partes por Goiana, dizendo que estavão promptos a ceder da sua opinião, com tanto que este Governo os auxiliasse para com as Côrtes, obrigando-se a que lhe não tomassem contas, e que da mesma maneira se lhes confirmassem todas as Patentes, que elles tem passado: a resposta foi, que estes dois artigos ficarião á deliberação das mesmas Côrtes, a quem se daria parte; que largassem as armas e se dispersassem, na certeza de não serem por este Governo perseguidos, e que do contrario marcharião Tropas para de uma vez os destruir, pois que até o presente só se tem tratado de defeza, na esperança de que elles venhão ao conhecimento do seu erro. Espera-se a decisão por todo o dia de hoje 6 do corrente.

Recebêrão-se hontem cartas d'Ipojuca, pedindo armamento e munição para 600 homens, que se achão reunidos, e Officiaes para os dirigir a favor da nossa causa; tendo já destruido os levantados de Serinham e soltado da prisão a Joaquim Candido, José d'Oliveira Ramos e Antonio José

Pires, e outros, que mandavão presos para Goiana, remettidos pelos do Cabo, e sobre este he que agora se dirigem; de Porto de Gallinhas veio um homem a informar-se do estado desta Praça, porque as noticias, que os Insurgentes lá tem espalhado, he, que o Recife está levantado contra ElRei e as Côrtes, por isso que tiverão Ordem das mesmas para prenderem o General e fazer sair o Batalhão do Algarve, e que as Tropas da Bahia vinhão em seu favor, e igualmente as Fragatas, que estavão bloqueando o Porto; porém de todos estes estratagemas já os Povos estão desenganados, e he por isso que tudo lhe tem fugido, achando-se com o resto da Tropa e tudo quanto deste Recife se unio a elles, que se V. m. visse, se admiraria de pessoas, que se não esperava, e muitos delles Empregados Publicos, que quero ver como são recebidos, e como terão cara sem vergonha, com que appareção.

A Paraiba conservou-se em socego da mesma sorte que o Recife até a chegada dos Revolucionarios de 1817, e depois logo entrou a haver mil partidos, querendo installar Governo a seu geito. No dia 21 officiou este áquelle Governo o resultado da Batalha d'Olinda e Afogado no mesmo dia, e pede que faça marchar força sobre Goiana apossar-se da Villa, sem fazer hostilidade; manda o Governo juntar a Tropa para marchar; Manoel Valeriano, Procurador da Camera, com outros do seu partido, chamão a Camera Extraordinaria, e armados de armas curtas, mandão chamar ao General, que viesse a ella, e depois de lhe fazerem alguns insultos, determinão installar novo Governo, e fazer marchar Tropas, mas a favor de seus Irmãos de Goiana; a isto se oppozerão algumas pessoas mais cordatas, e correndo-se a votos, assentou-se, que se convocassem as Cameras de fóra, para no dia 25 se acharem presentes e deliberarem. Dizem que o Commandante da Tropa fomenta este mesmo partido, com esperanças da presidencia do Governo, e que por isso elle e os dois companheiros tomárão o expediente de vir a Goiana, para conhecerem as suas forças, e ao Recife, para observarem o estado das cousas; o certo he, que appresentando-se elles ao Governo hontem de manhãa, forão ouvidos e respondidos logo, e tiverão ordem para dentro em meia hora sairem para fóra das Linhas: veremos o resultado das cousas, e lhe avisarei com mais vagar, que esta faço com a espada em uma mão, e a penna na outra, apezar de estar reformado; com tudo me offereci para o serviço, que tenho feito até de Granadeiro, e me achei no primeiro ataque do Afogado; forão demittidos do serviço, por se terem negado a elle, Capitães do 1.º de Milicias José Jacintho da Silva, Joaquim Bernardo, Bernardino, Amaro de Barros e Silvestre Gonçalves, e varios Subalternos; do 2.º Capitães Anselmo José Pinto, Filippe Maria Besone e João Manoel Pereira d'Abreu, e varios Subalternos.

Este he o estado, a que se acha reduzido Pernambuco, comendo carne fresca com muita escacez a 160 a libra; mas he este o unico artigo, de que ha falta, por estar a Praça em sitio, pela bondade do nosso Governo não querer fazer sangue, mas não por falta de valor na Tropa, tanto de primeira, como de segunda Linha, que de continuo clamão, para que os deixe sair ao Campo.

N. 8.

AURORA PERNAMBUCANA N. 22.

Representação da Camera do Recife ao General Luiz do Rego Barreto.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

O Presidente e Membros da Camera desta Villa do Recife, cheios do mais profundo sentimento pela catastrofe acontecida na noite do dia 21 do proximo passado mez de Julho, vão hoje, que já respirão o ar salutifero da esperança, dar a V. Excellencia cordialissimos parabens por suas melhoras.

He certo, Excellentissimo Senhor, que nesta Villa se commetteo o mais nefando attentado contra a pessoa de V. Excellencia, mas não he menos evidente, que o Corpo Municipal della e todos os seus honrados moradores se enchêrão de espanto e horror á vista de tão enorme traição, tanto mais abominavel, quanto ninguem ignora, que V. Excellencia se tem exposto aos mais custosos sacrificios, para manter a ordem e segurança publica desta Provincia, e livral-a do flagello, que lhe estava imminente, como resultado das desgraças de 1817.

A Camera do Recife vai levar ao conhecimento de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. João VI e do Congresso das Côrtes Nacionaes o attentado commettido contra V. Excellencia, os bons serviços, que V. Excellencia tem feito á Provincia, as damnadas tenções dos assassinos, o máo espirito, que se tem apoderado de alguns individuos, que hão pretendido reduzir a Provincia ao estado de anarquia, e finalmente a dôr e consternação de todos os habitantes honrados da mesma Provincia, que hão visto e ainda vêm em V. Excellencia o protector da ordem, o defensor da Constituição, e o guardador das pessoas e propriedades de todos os habitantes.

As nossas expressões sinceras e verdadeiras hão de merecer seguramente a Regia Attenção de S. Magestade e do Soberano Congresso Nacional; as virtudes de V. Excellencia são assás conhecidas, e o seu lustre não se póde eclipsar a despeito das infames depressões dos malvados; e só nos resta rogar ao Todo Poderoso, se digne continuar a proteger os dias de V. Excellencia, para prosperidade e socego da Provincia. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos. Recife em Vereação da Camera do 1.° de Agosto de 1821.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor *Luiz do Rego Barreto*, Governador e Capitão General desta Provincia.

João Manoel Teixeira. Manoel Francisco Maciel Monteiro. Gonçalo José da Silva Lisboa. Manoel Joaquim Ferreira. João Evangelista Pereira. O Juiz Almotacé *José de Medeiros Maciel*.

N. 9.

DIARIO DO GOVERNO N. 159.

Falla do Sr. Girão *na Sessão de* 8 *de Julho.*

Eu approvo em parte o Parecer da Commissão, em parte não. Tratase da conducta politica e militar de *Luiz do Rego Barreto Feio*, e muito sinto, que as primeiras noticias, que chegárão de Pernambuco ácerca dos desastrosos successos, que alli tiverão lugar, viessem tão viciadas; pois nos illudírão, e a innocencia foi deprimida; levantarei agora minha debil voz, para defender o General, de quem se trata; porque preencho um dever sagrádo, defendendo a virtude. *Luiz do Rego* he um daquelles bravos filhos de Marte, que ninguem póde exceder em valor e lealdade á Patria, e que bem poucos igualárão: elle derramou seu sangue em mil combates, para nos livrar do jugo oppressor dos Francezes, seguio o Exercito triunfante na Hespanha, tendo nelle tão gloriosa parte, que nos podemos ufanar, e dar-lhe o epitheto, que os Romanos derão aos seus Scipiões; isto he = *raio da guerra* = e na verdade não póde haver façanhas mais heroicas do que as praticadas por elle em Badajoz e S. Sebastião: estas Praças fizerão tão denodada resistencia, que só as antigas Sagunto e Numancia lhe posso equiparar; forão porém rendidas ao valor Lusitano, e dellas saío coberto de louros o General, por quê oro. Passou elle em fim os Pyreneos depois de uma campanha sempre admiravel, e, com prazer o digo, a primeira villa de França, que foi tomada, entregou as chaves a seu braço invicto: esta foi Andaya. A brevidade de um discurso não me permitte contar a sua historia, tão longa, como gloriosa, e rapidamente o seguirei alem do Atlantico, aonde foi continuar o serviço da Patria, nesse vasto Brasil, que hoje he theatro de scenas tão melancholicas.

Houverão lugar os desastrosos acontecimentos de Pernambuco em 1817, e alli foi mandado *Luiz do Rego* reprimir os facciosos. Já mais outro General foi revestido de tão grandes poderes: elle tinha ordens de castigar com mão de ferro os revoltosos, elle as tinha de perdoar; nem estas podião esquecer a um Rei tão generoso, que a Divina Providencia destinava para ser hoje um Rei Constitucional, melhor que Marco Aurelio, melhor que Tito, e que servirá de modêlo aos bons Reis da Europa. Entrou pois em Pernambuco *Luiz do Rego*, e vio ainda erguidos os postos, crivadas de balas as paredes, e espargido na terra o sangue dos Europeos, que o odio e a intriga havião derramado nos altares desse Numen protervo e malfazejo, em que hoje mesmo se estão immolando nossos irmãos: fallo da discordia, deidade dos loucos Independentes. O General em questão involve com habil manobra as Tropas revoltosas, que bem merecião serem quintadas; o susto e a pallidez da morte assaltão de repente aquelles miseraveis; mas neste momento terrivel *Luiz do Rego* lhe faz ouvir o Regio perdão, e a commutação da pena ultima para um degredo, que logo forão cumprir. Aqui vemos a maneira por que elle usou de seus poderes; vem a ser, usou dos melhores. As familias dos desgraçados, vendo tanta bondade, correm logo a pedir-lhe soccorros pecuniarios, que achárão mui liberaes e mui grandes, despejando sua bolça em tão philanthropico uso esse mesmo, que já foi comparado neste Augusto Recinto aos sanhudos leões!!!

Bem me cabia agora nomear aquelles, que devem a sua vida a *Luiz do Rego*, e que forão tirados do Oratorio pela efficacidade de suas preces ao Rei; mas taes acções por si mesmo fallão: deixarei tambem no esquecimento os muitos favores, que fez a varios Pernambucanos, visto que já esquecêrão, bem que naquelles tempos se curvárão os agraciados a quererem beijar a mão bemfeitora, a qual se denegou generosa.

Luiz do Rego chamou as artes a Pernambuco, abrio uma estrada de 600 legoas, disciplinou as Tropas, e fez augmentar as rendas; sendo porém uma barreira invencivel aos facciosos, elles a minavão surdamente, empregando tudo quanto ha mais vil e mais infame: propina-se o veneno, e a tentativa falha, sentindo seus estragos uma parte de sua familia, e por fim um cobarde assassino he mandado descarregar sobre elle um bacamarte!! Quero-me persuadir, que a egide de Pallas cobre este seu Filho, pois o vejo escapar de tanta traição, e mesmo deixar-lhe salvo naquella occasião o braço da espada, para lançar ao inferno o vendido malfeitor.

Os antigos rebeldes se unem por fim a novos facciosos, e alçando já o collo orgulhoso, lanção mão das armas: abusando o mais aleivosamente, que he possivel, do nome sagrado das Côrtes e do Rei, e marchão sobre o Recife. Agora a verdade me impõe um penoso dever, e não posso deixar de exclamar na presença desta Rainha com o Poeta Mantuano = *Infandum Regina jubes renovare dolorem* = a guerra civil se ateia entre os Irmãos!! Mas quem he o culpado? Respondo sem medo de me enganar, que he a Junta de Goiana; pois *Luiz do Rego* não faz mais nada do que defender uma cidade, que assim lho pede, e que talvez estivesse votada ao saque e ao fogo. O General a defende, e com a sua propria mão levanta a pontaria das peças, para poupar as vidas; os aggressores são rechaçados, e se bem que elle podia fazel-os em pó, com tudo não quer passar da necessaria defensiva.

Chegão logo as ordens deste Soberano Congresso, e *Luiz do Rego* obedece gostosissimo, e qual outro Aristides sáe da inhospita Provincia, condemnado ao ostracismo popular, e tão calumniado, como foi o General Grego. Mas, Senhor, o Rival de Themistocles fez votos, pedindo ao Ceo, que não tornasse outra vez seu braço a ser necessario á Patria, e não tardou muito que o fosse; o General Portuguez fez os mesmos votos, e já vejo approximar-se conjunctura similhante: Deos queira apartar os negros fados, que adejão sobre Pernambuco.

Ora agora, com muito gosto observo, que *Luiz do Rego* não está criminoso, nem foi accusado regularmente; noto mais, que o tempo, que tem decorrido, não tem passado em vão; a verdade he já notoria a nós todos.

Defendi e defenderei sempre a virtude opprimida; e se alguem estranhar isto, eu lhe direi, que a Junta de Goiana achou aqui illustres defensores, e *os facciosos da Bahia anti-constitucionaes, colhidos com as armas na mão, não só forão defendidos, forão perdoados;* por tanto approvo o Parecer da Commissão no seu bem escripto relatorio, reprovo-o no resto; porque o meu voto he, que se declare *Luiz do Rego* limpo e livre de toda a mancha, para continuar a prestar á Patria seus bons serviços.

FIM.